



Am VI - 13  
Porcela Jr



# MUNDO GRÁFICO

«PROCISSÃO», ÓLEO DE PORTELA JÚNIOR, NAS BELAS ARTES



# A B. B. C.

## FALA

### E O MUNDO ACREDITA



Um programa de variedades para a América Latina

ALGUNS POPULARES  
ARTISTAS JÁ CONHE-  
CIDOS DOS OUVIN-  
TES DA B. B. C.

Dulcie Gray artista de cinema e teatro, muitas vezes  
escutada através da B. B. C.



Ensaizando um programa para a América do Norte. Ao centro, Miss Adele Dixon, atriz de Teatro



Dorothy Hyson, atriz de teatro, já popular nos  
microfones da B. B. C.

UMA NOVELA

# VISÃO

por ARMIDA VIEIRA

**E**STÁVAMOS ambos sentados naquele banco e o olhar dele perdia-se nas águas soluçantes da cascata. Eu fitava os seus loiros cabelos e a serena polides do seu rosto. Voltou-se, e os seus olhos dum azul celeste encontraram os meus. Agarrou-me levemente nos braços e baixando os olhos murmurou:

— Querias não te amar!...  
— Suspirei e fiquei contemplando as suas loiras pestanas, que teimosas lhe escandiam os segredos do olhar...

— Ela passou a mão pela fronte como para afastar uma ideia que o perturbava.

— João! — exclamei. — É a minha voz não era mais do que um sópro. Pegou-me brandamente nas mãos, e eu apertei-lhas muito, muito... junto ao coração.

Seu olhar teve um brilho, como nunca lho vira até então e, sorridente, disse-me:

— Tu gostas de mim!...  
— Sorri-lhe, mas no meu rosto havia uma contracção dolorosa.

Sentimos passos. Voltámo-nos. Ele

baixou os olhos. Os meus conservaram-se fixos.

— Era o Carlos. Vinha mais magro e de olhar amortecido. Sorriu-me contrafeito. Levantei-me e fui ao seu encontro.

— Estás melhor? — perguntei.  
— Sim, estou. Obrigado. — me respondeu hesitante.

— Sabes que tens aula agora?  
— Si. E tu?  
— Tenho, mas... não vou. Não sei a lição...

— Posso ficar junto de ti?  
— Não, Carlos. Não deves faltar. És um bom aluno.

Voltou costas e dirigiu-se para a porta da aula.

Tornei para junto do banco. O João tinha-se levantado. Fôra até à janela. Abriu-a. O meu olhar envolvou-o. As lágrimas correram-me em abundância. Sentei-me e fiquei, de cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça apoiada nas mãos.

A campainha retiniu para o intervalo. Luísa e Requelabeiraram-se-me.

— Que tens? — me disse a primeira, e acrescentou:  
— Não vens ao jardim?

— Não. Doi-me a cabeça, — respondi como pretexto para ficar só. Elas afastaram-se.

— Porque não vens também Lena? Levantei a cabeça e os meus olhos deram com o rosto melancólico de Carlos.

— Tu choras-te?! Estás doente?  
— Não lhe respondi, e, levantando-me, disse-lhe bruscamente:

— Vê se és capaz de me apanhar! E desastei a correr pelo corredor.

— Já já a descer a escada. Voltei-me e não o vi. Escutei, mas não lhe ouvi os passos. Entrei de novo no corredor e fui encontrá-lo já ao fundo, encostado à parede e respirando a custo.

— Carlos?!...  
— Não é nada... Cancei-me...  
— E fui eu a culpada! Dá-me o braço! Eu ajudo-te.

Caminhámos silenciosos, descemos a comprida escadaria e entrámos no

jardim. Ele pálido e trémulo eu cheia de remorso.

Sentámo-nos sob a romagem da palmeira. O suor escorria-lhe pelo rosto. Numa hesitação, puxei do meu lençinho e passei-lho pelas faces escaldantes.

O lenço caiu-me, e ele, levantando-o, estendeu-mo depois de e haver beijado e murmurou:

— Amo-te, Lena!  
Fitou-me, e a seguir o seu olhar foi perder-se no espaço. Ah! um olhar assim! Só anjos o devem ter!...

Senti que a minha alma se despedaçava; os pensamentos confundiam-se-me. Tinha a meus pés um abismo!

— Cala-te!... murmurei apertando a cabeça com as mãos.

— Tu só me tens amizade, bem sei...

Quere saber porque milhões de homens preferem, a todos os outros, o sistema de barbear Gillette? É porque as lâminas Gillette asseguram barbas bem feitas, rápidas, suavemente esca-nhoadas... Ainda não é fácil comprar tôdas as lâminas Gillette que se querem, pois a sua produção ainda é restrita, cuide pois das que tem. Elas merecem-no.



Esc. 7\$50 as 5 lâminas

Esc. 15\$00 as 10 lâminas

## Laminas GILLETTE



75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º

LISBOA

### SABE-ME BEM A COMIDA!



### Desapareceu o excesso de acidez

Uma digestão normal, sã e bom apetite, estão ao seu alcance se puzer termo às suas perturbações digestivas com Magnésia Bisurada. Flatulência, ardores e dispepsia, eis os sintomas da hiperacidez. Neutralizando-a, desaparecem as perturbações e o estômago passa a andar bem. Basta uma colherzinha de Magnésia Bisurada em pó ou 2 a 4 comprimidos.

DIGESTÃO ASSEGURADA com **MAGNÉSIA BISURADA**

Venda em tôdas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

## HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as rupções ou ardência na pele.

É vendido em tôdas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Limitada

RUA DA PATA, 237 LISBOA



Uma tosse seca não o deixou continuar.

A garçanta apertou-se-me. Ao longe ouviam-se as vozes alegres dos nossos companheiros. Procurei os olhos dele com os meus e disse-lhe:

— Mas... eu quero-te muito! Ele sorriu tristemente.

A campainha retiniu de novo. — Vamos, disse, pondo-me de pé e estendendo-lhe a mão para o ajudar a erguer-se.

Levantou-se, e conservando a minha mão nas dele:

— Lena! Não voltes a prender assim os teus cabelos! Deixa-os soltos. Devem sentir-se tristes por não te afagarem as faces!

Baixei a cabeça e não respondi. Fomos os últimos a entrar na aula. O professor fitou-nos, e fixando Carlos:

— Não devias ter recommçado ainda! Sentes-te pior?

Eu apressei-me a dizer: — A culpa foi minha. Fi-lo correr e cançou-se...

— Francamente, amigas assim!... sempre na lua! — voltou-me o mestre em tom repreensivo, e, para todos: — Sentem-se!

Estive toda aquela hora a tremor. Chamada à lição, só provoquei risos abafados na classe. Nem uma resposta certa! As ideias baralhavam-se-me. No meu cérebro dir-se-ia haver uma tempestade. Só este pensamento estava nítido:

— Se ele piora! O professor mandou-me sentar. Dirigi-me para o meu lugar como uma sonâmbula. Olhei o Carlos. Sorriu-se, e eu, sentando-me, perguntei-lhe:

— Sentes-te melhor?  
— Sinto.

— Que susto apanhei!...

(Continua na página seguinte)

# «J. I.» PRODUTOS (DÔCE INGLEBY)

ALPERCHE  
AMEIXA  
CEREJA  
GINJA  
LARANJA



MAÇÃ  
MORANGO  
MARMELO  
PÊCEGO  
PERA ETC.

ORANGE-MARMALADE

VENDEM-SE NAS BOAS  
MERCEARIAS E CONFEITARIAS

## VISÃO

(Continuação da página anterior)

Deitei um olhar a toda a classe. O João, lá so fundo, segredava qualquer coisa à Raquel que a fazia rir de gosto.

Tive um gesto de impaciência. Irritou-me o toque da campainha, que nos anunciava a saída. Despedi-me de Carlos e quasi corri até ao eléctrico.

Sentia que sofria muito, mas não me esqueci de que era meu dever aliviar os sofrimentos a alguém.

No dia seguinte, ao entrar na Escola, levava os cabelos soltos, caídos até aos ombros.

O João estava sentado no muro da cascata. No jardim soavam os risos dos nossos condiscipulos. Atrrei a pasta para cima do banco. Ele voltou-se e veio ao meu encontro.

— Como vens linda! murmurou, de olhar iluminado, como num relâmpago de alegria.

Eu, segurando a mão que ele me estendia, levei-o até ao banco, que estava perto da janela. Sentámo-nos.

— Afinal! — exclamou —: Querendo fazer bem, só faço mal!... Adoro o Carlos! Quero-lhe como a um irmão sómente... Mas ele ama-me, e... não posso vê-lo sofrer!...

— Tens um remédio! — disse-me, de cabeça baixa.

Abriam-se-me muito os olhos e volvi-lhe muito séria:

— Qual?

— A ná-oi!...

Oh! não posso! Tentei João, quis convencer-me de que tu não existias, de que não eras mais do que uma ilusão; que o meu sentimento por Carlos estava adormecido e, um dia despertaria, e que era a ele que eu queria assim... desta maneira... como te quero a ti!... Que loucura!  
Levantámo-nos.

— Lena! minha Lena, adoro-te!

(Conclue na página 29)

## TEM MÁQUINA DE ESCREVER?

ENTÃO ATENTE:

1

Use só fita «REMINGTON», autêntica, norte-americana. Pequena: Esc. 16\$00; Grande: Esc. 19\$00. Descontos progressivos, até 20%, para grandes quantidades.

2

Não esqueça que o papel químico, produzido pelas fábricas «REMINGTON» de New-York, garante cópias impecáveis. Caixas c/ 100 fls., a partir de Esc. 37\$50.

3

Crea que uma reparação nas oficinas «REMINGTON» é sempre garantida. Há mais de 40 anos, trabalhando em todas as marcas! Orçamentos grátis.

4

Utilize o serviço «REMINGTON» de contractos de limpeza. Com uma pequena anuidade vão a sua casa efectuar o trabalho, com direito a afinações simples.

5

Se quere uma máquina nova, inscreva-se, sem demora. Os últimos modelos «REMINGTON» já começaram a chegar e continuarão a vir em quantidades crescentes.

E COMUNIQUE COM A

SOLOR — Sociedade Lusitana de Organizações, Lda.

LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20, 1.º

R. Sá da Bandeira, 69, 2.º

Telefones 29381 e 29382

Telefone 1276

AGENTES GERAIS DA REMINGTON RAND INC. DE NEW YORK  
PARA PORTUGAL

## PAULINO FERREIRA FILHOS, LIMITADA

ENCADERNADORES E DOURADORES

As maiores oficinas do país  
movidas a electricidade

Trabalhos em todos os géneros  
simples e de luxo

Diploma de honra na Exposição da Caixa  
Económica Operária e na Exposição da Im-  
prensa. Premiado em todas as exposições  
a que tem concorrido

CASA FUNDADA EM 1874

Capas para o MUNDO GRÁFICO . . 20\$00

Empaste . . . . . 5\$00

Orçamentos grátis  
III

18-A, RUÁ NOVA DA TRINDADE, 18-D

LISBOA  
Tel. 2.2074

EXECUÇÃO RÁPIDA DE  
TRABALHOS TIPOGRÁ-  
FICOS EM TODOS OS  
GÊNEROS

A  
Triográfica

R. Luz Soriano, 94  
LISBOA

TELEFONE 2 8221

## ESTOMAGO ÁCIDO?

Não é muito bom sinal!  
Mas se tomar duas Rennie's  
Vai-se embora todo o mal!



Quando se sentir roído pela acidez do estômago, não precisará de misturar um remédio na água. Precisar, sim, de qualquer coisa mais rápida e melhor. Precisar, de Rennie's.

As Rennie's são embrulhadas, se rapidamente, para as poder trazer sempre consigo, esteja onde estiver. Poderá tomar duas, assim que o seu estômago der sinal de existir. Basta chupar uma de cada vez, como se fossem rebuçados. Dentro de dois minutos, o excesso de ácido terá sido neutralizado. A sua indigestão terá desaparecido! As dores foram-se. O estômago sente-se reconfortado. O apetite volta.



Rennie compõe-se de 15 ingredientes que auxiliam a digestão e neutralizam, rapidamente, o excesso de ácido.

Compre um pacote de Rennie's ainda hoje, na sua farmácia. Leve consigo algumas, na algibeira do colete ou na malinha de mão.



## REFLEXOS DO MUNDO



Bevin ministro dos negócios estrangeiros inglês, num dos seus discursos

### Um cobertor de tipo novo

Quanta gente sabe, quando se acoucha à noite na cama, que é o ar que a há-de manter quente e não o peso dos cobertores que se amontoam em cima? Um peso oprimente apenas serve para cansar o corpo. Uma massa pesada impede de respirar livremente as células da pele e isto causa a transpiração. De facto, doenças de pele, insónia e nervosismo podem em muitos casos derivar do uso de cobertores ou roupa pesada e impermeável ao ar.

O conhecimento destes factos deu lugar à invenção britânica de um novo tipo de cobertor. Feito de lã pura, é um tecido felpudo que, visto ao microscópio, se parece com um emaranhado esponjoso de células entrelaçadas de lã. O ar contido em milhões destas células e também entre as fibras do tecido constitui um isolamento que não tem quase peso algum. Um cobertor inteiro pesa apenas 932 gramas e está à prova de apodrecimento (de maneira que pode ser utilizado nos trópicos), não

é atacado pela traça não encolhe.

Para a dona de casa que vê muitas vezes os seus cobertores voltarem da lavadeira com a consistência de um pedaço de tapete bem pisado, esta última qualidade será muito apreciável. Mas ela terá que mandar limpar estes novos cobertores a seco porque não estão ainda à prova de lavagem, embora se espere que dentro em breve o estejam.

### A moda e as mulheres que viajam de avião

As casas de modas da Grã-Bretanha já estão a prever as necessidades das mulheres que viajam de avião. Exhibam-se recentemente, andanças completas para uma viagem como por exemplo da Inglaterra para a Austrália. A ideia que as norte-voas foi a seguinte: a viajante saía de um clima frio levando um abafado quente de lã espessa, despir este abafado quando o tempo se tornasse mais quente, para aparecer com um casaco de peso médio, trazido por cima de um vestido leve, de lã.

Como a viagem levaria apenas poucos dias ela chegaria ao seu destino depois de tirar o seu casaco, apresentando-se à chegada, visto que a fazenda era feita da mais fina lã, tão chique e arranjada como quando tinha partido. Estas três peças de vestuário são, evidentemente, feitas de fazendas a dizer umas com as outras e que apenas diferem nos pesos do tecido e na sua estrutura. As viagens de avião permitem estar a criar uma procura nova de lãs britânicas de que já existe, de facto, uma procura enorme por todo o mundo.

E isto devido ao facto da indústria de lanifícios poder hoje produzir um tecido tão fino que não difere de tipo dos tecidos habitualmente usados em climas quentes mas, enquanto aqueles se podem amachucar ou vincar com facilidade e não servem portanto para viagens, as fibras de lã são tão elásticas que voltam à posição primitiva, depois



de comprimidas durante muito tempo, e a fazenda não revela um único vinco.

### Shakespeare

O aniversário mais importante que ocorre no mês de Abril é o de William Shakespeare, que morreu em 23 de Abril de



Miss Londres numa oficina de ser-ralheiro

1616. Durante mais de três séculos a celebridade do maior dramaturgo da Grã-Bretanha tem crescido e tem-se dilatado todo o mundo. A sua terra natal de Stratford-on-Avon, inúmeros peregrinos de todas as nacionalidades têm ido ver as relíquias associadas ao seu nome e assistir ao desempenho das suas peças no teatro construído em sua memória, nas margens do rio Avon.

### UMA HOMENAGEM

Ao sr. Horace Zino, que cossou as suas funções de Adido de Imprensa à embaixada Britânica foi oferecido um jantar de homenagem pelos directores dos diários portugueses e jornalistas e correspondentes de agências estrangeiras. O sr. Horace Zino, entre os sr. Dr. Guilherme Pereira da Rosa e Luis Lupi, agradecendo a homenagem de que foi alvo

Stratford tem estado a fazer grandes preparativos para o primeiro festival Shakespeariano do pós-guerra e esperam-se muitas visitas do estrangeiro. E' talvez significativa a coincidência com estes preparativos da noticia de estar a reorganizar-se a Sociedade Alemã Shakespeariana.

### Efemérides

Outros aniversários notáveis em Abril são:

- 1 — 1578 William Harvey, descobridor da circulação do sangue, nascimento.
- 1 — 1918 Formou-se a Real Força Aérea da Grã-Bretanha.
- 3 — 1764 John Abernethy cirurgião, nascimento.
- 5 — 1811 Robert Raikes, fundador das escolas dominicais, falecimento.
- 7 — 1770 William Wordsworth, poeta, nascimento.
- 9 — 1626 Francis Bacon, filósofo, estadista, ensaísta, falecimento.
- 9 — 1942 Dr. Temple foi eleito arcebispo de Cantuária.
- 10 — 1843 Os artistas apresentaram uma petição ao Parlamento.
- 11 — 1770 George Canning, estadista, nascimento.
- 16 — Madame Tussaud, fundadora do célebre museu de figuras de cera, falecimento.
- 18 — 1878 A. V. Roe, pioneiro da aviação, nascimento.

22 — 1745 Lindley Murray, geodesta anglo-americano, nascimento.

24 — 1743 Edmund Cartwright inventor, nascimento.

25 — 1599 Oliver Cromwell, Lorde Protector, nascimento.

25 — 1769 Brunel, inventor e engenheiro, nascimento.

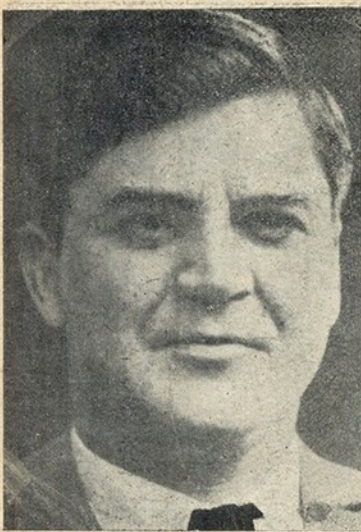
25 — 1800 William Cowper, poeta, falecimento.

26 — 1730 Daniel Defoe, escritor, falecimento.

26 — 1939 Charleslain anunciou o serviço militar obrigatório.



Como a inglesa trabalha nos campos



**ANEURIN BEVAN**

O ministro da Saúde Pública da Grã-Bretanha é uma das figuras mais discutidas na política do seu país. Depois de se ter revelado, na oposição, como um parlamentar de largos recursos oratórios e dialécticos, transitou para a bancada do governo e passou a sentir o peso de maiores responsabilidades que suporta com o seu habitual bom humor e optimismo.

Aneurin Bevan é um antigo mineiro do País de Gales que ascendeu por mérito próprio, a um dos mais altos postos na política e na administração do seu país, tudo devendo ao seu próprio esforço e a invulgares qualidades de trabalho. É um «self made man», na mais larga e honrosa significação deste termo, e um homem de Estado diligente e compreensivo que se preocupa com as questões sociais, as mais prementes e exigentes do nosso tempo.

O ministro da Saúde inglês acaba de ser, mais uma vez, posto em foco pelo seu recente projecto de nacionalização da assistência médica. Se esse projecto for aprovado pelo Parlamento britânico, onde começará a ser discutido no discurso do corrente mês, todos os ingleses, sem qualquer distinção de classe ou categoria social, terão direito a assistência médica gratuita em todas as suas modalidades. Médico, enfermagem, hospitalização e remédios tudo lhe será fornecido, sem qualquer encargo.

Aneurin Bevan está, ao mesmo tempo, encarregado de dirigir o trabalho de reconstrução das casas destruídas pelos bombardeamentos aéreos durante a guerra, obedecendo ao propósito de dar a cada inglês uma habitação confortável e higiénica. Apesar das discussões provocadas pela sua acção, as casas estão a construir-se aos milhares, em todos os pontos do território britânico.

CRONICA INTERNACIONAL

# A reconstrução económica

De todos os países que intervieram activamente na última guerra, a Grã-Bretanha, foi, certamente, aquele que, em proporção aos seus recursos e possibilidades, mais duramente suportou os efeitos da luta prolongada em que se viu envolvido. Mobilizou o seu potencial humano até um limite extremo. Gastou os seus haveres e lançou, generosamente, na fogueira, as suas economias. Dispendeu as suas riquezas e o trabalho dos seus filhos. Quermou o presente e arriscou o futuro para que a miséria hitleriana do terror e da violência se não tornasse uma regra de existência para a humanidade.

Estas realidades são por tal forma evidentes que não é possível a sua volta estabelecer a mais ligeira discussão. Mas, acima delas, avulta uma outra realidade que os críticos da Grã-Bretanha e da sua acção no mundo frequentemente parecem ignorar. E essa constitui, certamente um dos poucos elementos que nos permitem encarar, com certa confiança, o futuro. O povo inglês não perdeu, como aconteceu a tantos outros, no meio da tormenta desencadeada sobre o mundo, nem o seu equilíbrio salutar nem o seu bom-senso tradicional. Quando se compara a sua situação actual, que decorre no meio de dificuldades compreensíveis como tantas vezes tem acontecido no decurso da sua história, com a de vários outros povos, vencedores e vencidos, o resultado do cotejo deve considerar-se francamente favorável.

A saúde moral e psicológica do povo inglês não foi, de maneira nenhuma afectada. Esse facto teve como resultado imediato a sobrevivência das instituições políticas que, há muitos séculos, governam a Grã-Bretanha e com as quais se estabeleceu a sua grandeza e se modelaram os seus costumes. Ao contrário do que aconteceu em vários outros países, nada a esse respeito se alterou com a guerra.

No meio de dúvidas e inquietações geradas pela evolução desfavorável da situação internacional, foi iniciado e prossegue, em condições francamente animadoras, o trabalho de reconstrução económica de que depende o futuro da Grã-Bretanha, em grande parte também, o futuro da Europa, pois dada a sua posição especial em relação ao nosso continente, tudo o que se passa na vida britânica tem os seus reflexos inevitáveis nos países continentais e de maneira especial nos países do ocidente.

O governo Inglês lançou-se corajosamente na empresa de adaptar a vida do país orientada até então no sentido da guerra e das exigências às necessidades da paz. Desmobilizou milhões de homens das forças armadas e preparou os planos para que, uma vez desmobilizados, eles pudessem encontrar a sua actividade.

Com essa base sólida, foi possível encaminhar todos os outros sectores da vida nacional para a realização de um plano de reconstrução alargada a todas as manifestações da vida inglesa. Aumentou a produção e aumentou o volume das exportações, valorizou-se o trabalho e reconstituiu-se a indústria, fizeram-se casas para substituir aquelas que os bombardeamentos aéreos destruíram e enveredou-se, francamente, pelo caminho de uma larga utilização das fontes de produção no sentido de uma mais larga política social. O plano de seguros e a lei de assistência médica, que vai ser apresentada este mês ao parlamento, são manifestações da espantosa recuperação que está a realiza-se na Grã-Bretanha.

O OBSERVADOR

## Horace Zino

Abandonou as funções de Adido de Imprensa da Embaixada Britânica o sr. Horace Zino. A sua acção foi assás proveitosa para a amizade luso-britânica. Os seus dotes pessoais de simpatia, elegância moral e distinção grangearam-lhe inúmeros amigos e perduráveis afectos. Exerceu com brilho a sua missão, intensificando as relações jornalísticas e culturais entre os dois países.

O sr. Horace Zino foi alvo de diversas homenagens. Promovido pelas direcções dos jornais diários e correspondentes de agências estrangeiras, realizou-se, no Casino do Estoril, um jantar que decorreu numa viva atmosfera de carinho. Falaram vários jornalistas, que enalteceram a obra e as qualidades de Horace Zino. Esse banquete, que teve especial significado, foi mais um motivo, aliás bem expressivo, da amizade entre Portugal e a Inglaterra.

O sr. Horace Zino, que seguiu para Inglaterra, onde se demorará cinco semanas, regressando depois à Madeira, foi substituído pelo sr. capitão Stone.

## O problema da alimentação

O antigo presidente dos Estados Unidos encontra-se na Europa onde veio em missão especial averiguar das condições em que, sob o ponto de vista alimentar, está a viver o nosso continente. Essas condições são, francamente, desfavoráveis e, em alguns casos, dramáticas. O governo britânico tem prestado à resolução deste problema fundamental toda a atenção e encontra-se em contacto estreito com os restantes governos da Europa para lhe dar uma solução que possa evitar o pior. Dos seus esforços já alguma coisa útil resultou mas as diligências realizadas até agora precisam ser renovadas a fim de que o drama da guerra não seja seguida, em todo o mundo, de maneira especial na Europa, pelo drama não menos pungente da fome. A viagem recente do ministro da Alimentação britânico, Ben Smith, aos Estados Unidos, e o iniciativa de reunir em Londres uma conferência da alimentação constituem provas do esforço construtivo que nesse sentido a Grã-Bretanha e o seu governo estão a desenvolver incansavelmente.

## MUNDO GRÁFICO

Director: **ARTUR PORTELA**

Chefe de Redacção e Editor: **REDONDO JÚNIOR**

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

REVISTA QUINZENA

PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.º — Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$80

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O Papa, na cadeira de São Pedro, durante a cerimónia de apresentação dos novos cardeais

## UMA CERIMÓNIA IMPRESSIONANTE

O Papa, que foi a voz da consciência humana, durante a guerra, e ao qual, sem dúvida, Roma deve a sua salvação aos horrores da guerra, completou o Sacro Colégio, escolhendo novos cardeais para todo o mundo e distinguindo de Portugal com a imposição do chapéu cardinalício ao sr. D. Teodozio Clemente de Gouveia, arcebispo de Lourenço Marques.

A cerimónia, que se revestiu de transcendente solenidade, foi, então, descrita pela imprensa de todo o mundo.

No seu trono colocado 6 metros acima do solo sob um docel ouro e côr de rosa, Sua Santidade o Papa Pio XII impôs o barrete cardinalício a 29 novos purpurados. Antes de subir para o trono, Sua Santidade esteve alguns minutos ajoelhado em oração, debaixo de um pálio carmezim, enquanto que os novos cardeais, com as suas capas episcopais de purpura se alinhavam segundo a idade. O primeiro cardeal a subir os degraus do trono foi o patriarca arménio Gregory Agagianian, que levava a mitra do seu rito. Ajoelhando, perante o Papa, beijou-lhe o pé, ergueu-se e o mestre de cerimónias Monseñor Carlo Respighi, retirou-



Uma fotografia histórica. Os novos cardeais, vendo-se, sentado o decano do Sacro Colégio, Granito Pignatelli di Belmonte. No grupo, figura o novo cardeal arcebispo de Lourenço Marques, Teodozio Clemente de Gouveia



-Lhe a cruz episcopal. Então o Papa colocou aos ombros do novo cardeal uma pequena capa de c6r roxa e o barrete cardinalicio. Cada um dos novos cardeais subiu os degraus do trono, ajoelhou-se tr6s vezes e beijou o p6 do Papa. Houve muitos coment6rios quando extraordinariamente o alto cardeal alem6o von Galen, de Munster — muito conhecido pela sua declara76o franca contra o regime nazi — subiu os degraus do trono. Os rep6rteres fotogr6ficos americanos estiveram activos quando chegou a vez do arcebispo Spellman, de Nova York, ao subir os degraus do trono. O Arcebispo Caro Rodriguez, de Santiago do Chile, foi o 6nico dos novos cardeais esperados que n6o assistiu 6 cerim6nia. Encontra-se doente com um ataque de gripe num hospital de Roma.

Quando terminou a cerim6nia da imposi76o dos barretes, o Papa fez um discurso em termos vagarosos. Este facto 6 contr6rio a todos os precedentes, visto que o discurso foi lido e Sua Santidade sempre falou porque tem uma mem6ria prodigiosa. O Papa recebeu uma grande ova76o quando foi transportado no trono port6til. Repetiram-se as aclama76es quando desfilaram os novos cardeais dos diferentes pa6ses em direc76o 6 porta da Capela Sistina, onde terminou a cerim6nia.

Momento solene. O Papa ouve o advogado do Vaticano, que se exprime em latim, defendendo os v6rios processos de canoniza76o pendentes



Depois da cerim6nia da imposi76o do barrete cardinalicio, os novos principes da igreja prosternam-se, humildemente, ante o altar da bas6lica do Vaticano



# PÁSCOA DE 1946

Maria de La Costa numa composição de J. Lobo



É uma alma que reza. Está suspensa das estrelas do céu. A sua prece arde na noite como um sinal de esperança. Na sua vigília mística, ela pede para todos, os que sofrem, os pobres, os vagabundos, os deserdados da terra. O seu coração está cheio de sofrimento, que ela parece exorar a todas as dores, para que a existência humana seja mais branda ou menos pesada. Sinos ao longe! Na sexta-feira de Paixão, na noite imensa e dramática que caiu sobre o mundo, como há vinte séculos, no alto do Golgota estendendo-se a todo o universo, alguma coisa vai nascer de assombrosamente belo e tranfigurador. O sinal da Cruz desenha-se ao alto. É a transfiguração. Jesus voltou. Paz sobre a terra aos homens de boa vontade!



Numa fase da marcação as alunas revelam admiráveis tendências para a arte coreográfica. E' pelo menos, o que se está vendo



Aqui já há qualquer coisa de majestoso — na aparência, é claro



O bailarino Charles com algumas das suas discípulas

# COMO ELAS SÃO



As «desarticulações» ginásticas são às vezes pouco agradáveis para quem começa

Não diremos que as nossas coristas — a atracção n.º 1 do teatro de revista, quer queiram quer não — sejam modelos plásticos e coreográficos de categoria das «maravilhas» com que o grande Ziegfield deslumbrou a Broadway. Não afirmamos porque o facto havia de parecer exagerado por quem nos lêsse. Mas com um bocadinho de boa vontade, com uma ajuda de simpatia, as raparigas que podem ser admiradas nestas páginas, dão esperanças de serem futuras interpretes dos mais difíceis bailados.

Esta coisa de designar as pequenas que dançam nos tabladros dos palcos populares por nomes diversos tem a sua importância.

Duvidam? Pois é assim mesmo. Se o leitor ouvir uma referência elogiosa a

uma rapariga de teatro e nessa alusão ela fôr tratada por *corista*, o elogio parecer-lhe-á sem valor, e dirá de si para consigo com ar desdenhoso: — boa *corista*! Contudo, se lhe chamar *girl*, o caso muda de figura — passa o elogio a ter e a dar categoria à elogiada.

E' como lhes dizemos. O nome tem grande importância. Também, não admira que assim suceda, visto que no teatro se vive de irrealidades.

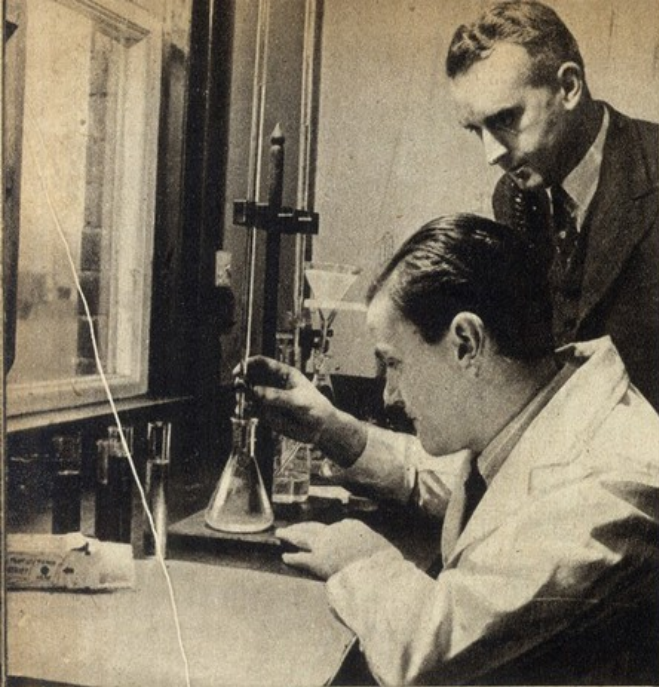
Mas *corista* ou *girl* — à antiga portuguesa, ou à inglesa, as raparigas que trabalham nos nossos teatros, se não são tão célebres com as comparsas dos *night clubs*, nem por isso deixam de possuir o seu mérito próprio, pelo menos para nós que ainda vamos pelas coristas à portuguesa.



Um conjunto que pode ser considerado perfeito



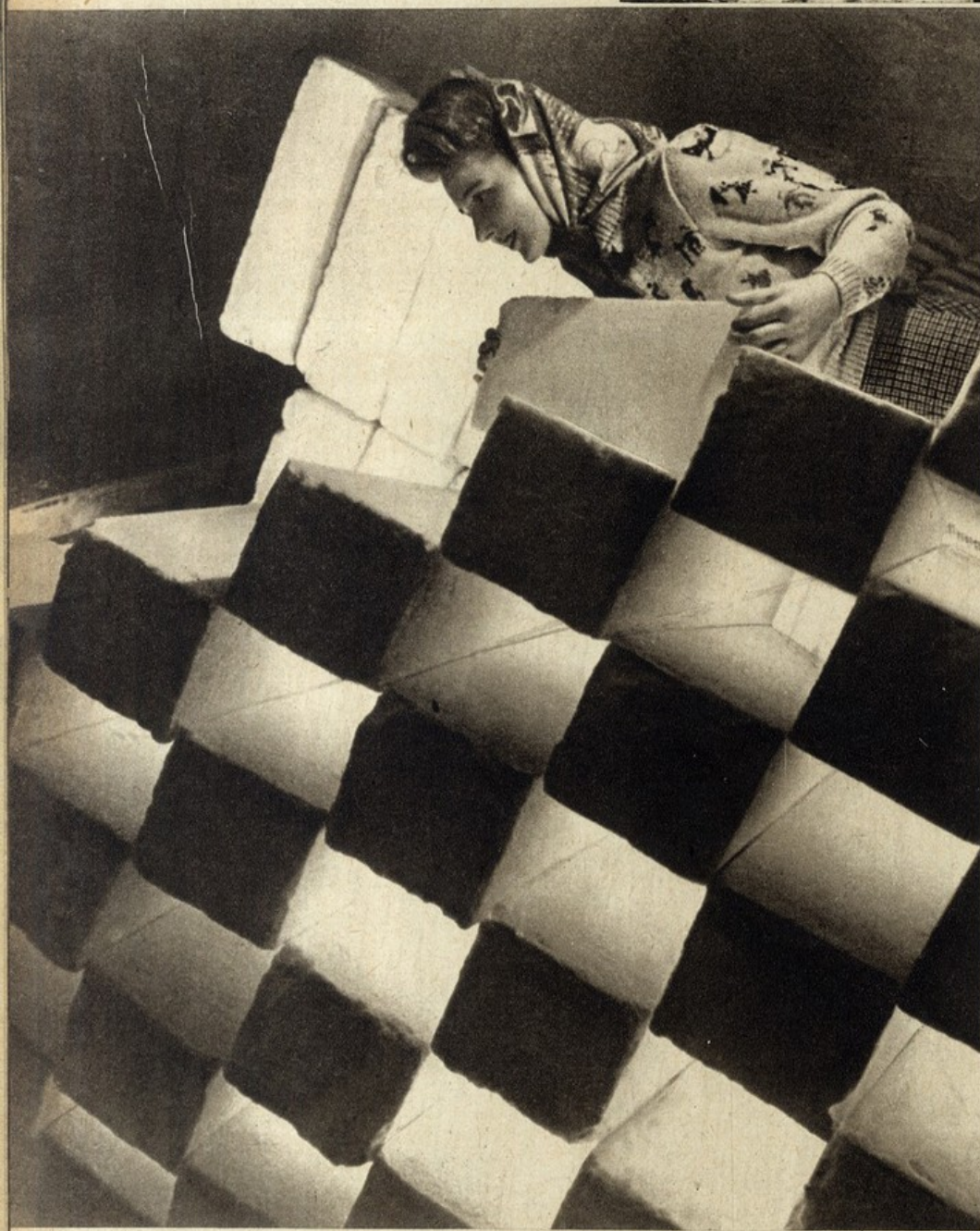
Uma linda marcação coreográfica em que as alunas já parecem *girls* do grande Ziegfield



Fazem-se, frequentemente, no laboratório da fábrica, ensaios para verificar a não existência de impurezas



O processo de evaporação, em tinas ao ar livre, onde se produz o sal comum, grosso, para uso comercial — salga de peixe, etc.



Arrumação de blocos finos no armazém

cia. E assim deve ser; pois o sal-gema extraído e purificado pelos métodos científicos agora usados, na Escócia, é um dos mais apreciados produtos de mera. Mas só após longo e difícil trabalho é que ele se torna apetecível por toda a gente. Aliás, não fazia sentido que uma coisa se tornasse apetecível sem primeiro sofrer a influência do trabalho do homem.

E' por isso que na Escócia brigadas de operários especializados, de técnicos, de cientistas se ocupam no difícil trabalho de produzir o sal.

Em jazigos profundos, que parecem inesgotáveis, equipas de esses trabalhadores extraem do sob-solo a massa informe, amarelada e suja, e que após laboriosas transformações operadas em perfeitos aparelhos, se «modifica» em sal de cozinha.

Os processos adoptados são os mais delicados. Tudo é estudado, previsto, calculado. E por tal forma que depois de sofrer todas essas transformações, a matéria produzida nada se parece com a massa originária de que foi extraída.



Empacotamento do sal fino

# Como se trata do sal

O sal esse indispensável tempero que, como sentenciou alguém, não deve ser nem muito nem pouco, antes de entrar na cozinha para dar sabor aos pratos que fazem as delicias dos paladares ávidos de bons petiscos, tem uma origem remota e causadora de longos e sábios trabalhos.

Quando o nosso olhar se espraia pela planura branca das marinhas não adivinha, sequer, os esforços que isso exige para nos oferecer esse aspecto agradável à vista.

Quantos trabalhos e cansaças são necessários antes que os elementos de vapor se solidifiquem e se transformem em sal comestível!

E quando o sal está em «bruto», em blocos uniformes, às vezes a muitas dezenas de metros de profundidade, então a sua transformação de modo a poder ir à mesa como coisa imprescindível e saborosa, representa não sómente trabalho difícil mas, também, manifestação superior de progresso.

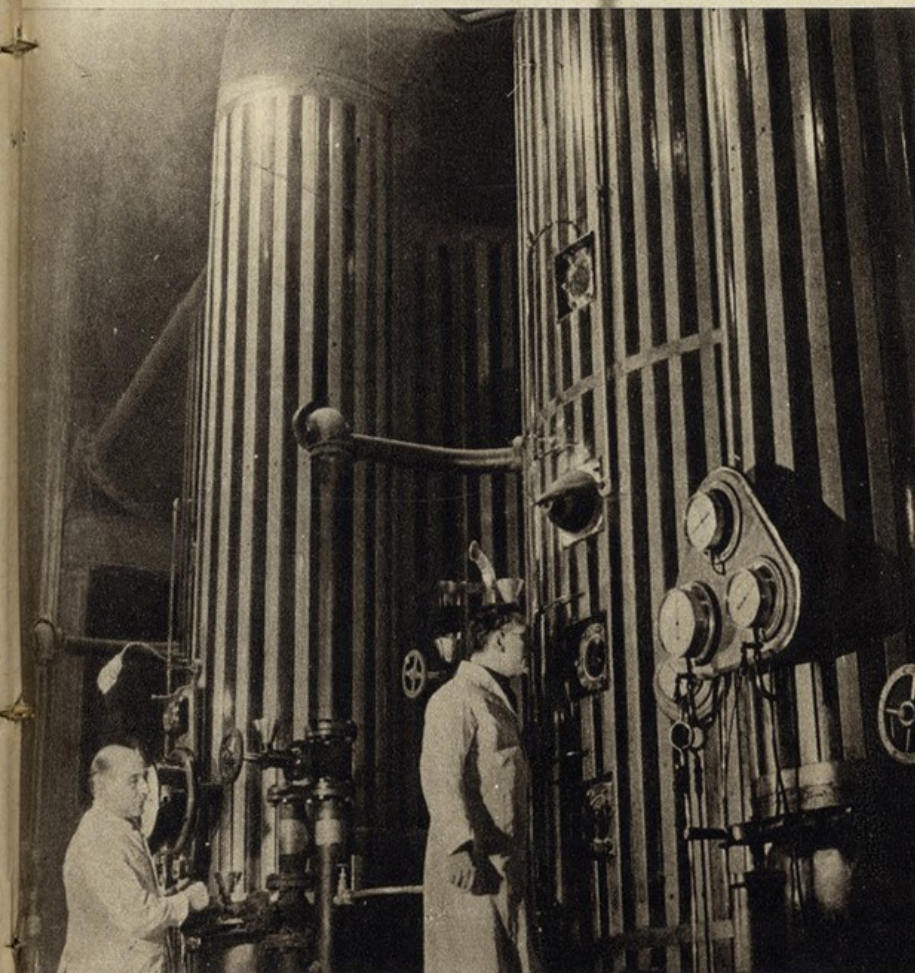
Na Escócia a indústria do sal-gema, a exploração de grandes jazigos de essa matéria fossilizada, é das mais progressivas do mundo.

Mercê de perfeitíssima aparelhagem, o fabrico do sal extraído de grandes poços salitrosos, onde a matéria se encontra, talvez há muitos milhares de anos, transformada em uniformes blocos, esse, sal, dizíamos, é considerado o mais puro e o mais saboroso...

A sua preparação o seu empacotamento a sua reconhecida pureza, fazem com que esse produto não tenha similar nos mercados mundiais da especialidade.

O seu preparo sob o ponto de vista técnico e industrial é tão completo e perfeito, que seriam necessárias muitas páginas para descrever as transformações a que está sujeito antes de ser utilizado.

Dizem os «gourmets» que o sal extraído por esses modernos processos científicos, representa uma maravilha da ciência.



A salmoura purificada é transferida, à bomba, para tinas de evaporação no vácuo onde é sujeita ao tratamento especial de calor e vácuo para se formarem os cristais finos do sal de 11628



Nas estufas onde se secam os blocos de sal, um operário alisa as suas extremidades



«O primo do pintor», óleo de Varela Aldemira



«Paisagem», quadro de Jaime Murteira



«Retrato de senhora», óleo de Varela Aldemira

# UMA EXPOSIÇÃO NAS BELAS ARTES

**T**EM um aspecto agradável a 43.<sup>a</sup> exposição de pintura e escultura da Sociedade Nacional das Belas Artes. Há quase meio século que se mantém ininterrupta a tradição deste salão plástico que é uma espécie de balanço de valores estéticos, com a sua cifra de aproveitamento anual.

Neste, o ambiente é, pelo menos, sugestivo. Tudo está arranjado, equilibrado e decorado de modo a aliciar a boa impressão do público. Nem todos os artistas concorreram, e o júri como é natural, fez a sua selecção. Não se notam também muitas expressões originais, ou temas renovados, se não técnicas novas. Mantém-se a média dos certames anteriores, o que já não deixa de ser satisfatório. Conceição Silva, que há muito não expunha, apresenta-se com três retratos de boa academia e justo colorido. Portela Junior é, sem dúvida dos melhores. Dá-nos um belo quadro de

portuguesismo, opulento de tonalidades e surpreendido com flagrância — o da *Proclamação*. Sente-se no artista, de certa maneira, aquele populismo ardente de Malhóa, que tão bem pintou a nossa terra, os seus costumes, as suas romarias, as suas cerimónias religiosas — e até, igualmente uma proclamação.

Varela Aldemira, mestre da pintura, apresenta-se com três retratos, que são outras tantas afirmações do seu virtuosismo. A cor neles como que ganha luz. O artista já não escolhe tons cinzentos, neutros, ou pálidos, mas escalas tintas fortes e vigorosas, quase puras, enfiando-se em vencer dificuldades — porque não se importa de chocar timbres coloridos opostos. O retrato de senhora, a que está sentada é um prodígio de expressão e elegância. Martino da Fonseca muito bem em João de Deus Ramos, exactissimo, fisloriomicamente,

(Continua na página 50)

Uma grande e bela realidade! Portugal já fabrica os seus pneus! Em Lousado, cerca de Famalicão, foi construída, numa associação de capital e de trabalho lizo-americano, uma admirável centro industrial de manufatura de borracha. Trata-se de um esplêndido edifício, equipado com a mais moderna maquinaria de transformação, cujos produtos cobrirão inteiramente, as necessidades do país, bem como das suas colónias.

Dir-se-lia que Portugal vai andar mais depressa — rolando sobre os seus próprios pneus. A técnica yankee, cujo génio de industrialização atingiu o mais alto grau, têm encontrado a melhor colaboração nos operários portugueses. Rasgaram-se novas possibilidades à nossa economia. Podemos considerar uma data histórica, o dia em que a grandiosa realização foi inaugurada. Os mais altos representantes do governo, assim como o sr. Cardeal Patriarca e o embaixador dos Estados Unidos, assistiram ao acto que, escusado é dizer teve uma enorme repercussão em todo o país. Podemos afirmar que ganhamos uma esplêndida batalha. Patrioticamente, estamos satisfeitos de nos bastar a nós próprios, ao abrigo de todas as contingências. A Mabor produz não só pneus, mas todos os outros artigos de borracha — imprescindíveis, às necessidades do país.



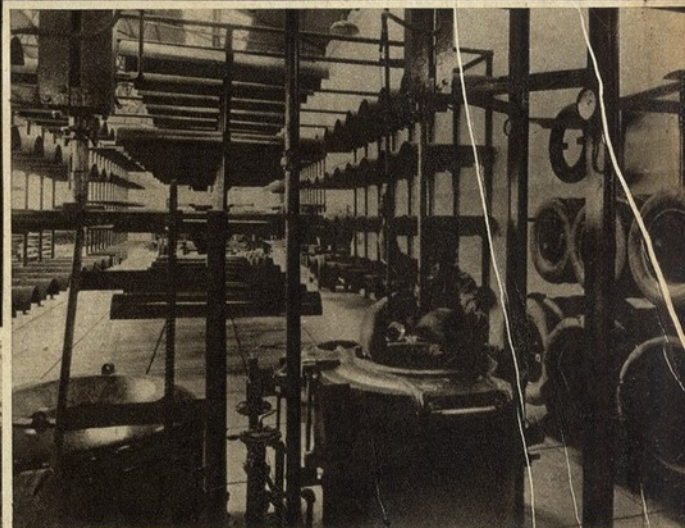
O sr. Cardeal Patriarca, o Embaixador dos Estados Unidos e outras altas individualidades durante a visita à fábrica «Mabor»

# JÁ SE FABRICAM PNEUS EM PORTUGAL



O sr. cardeal Cerejeira, depois da bênção do novo centro industrial pronunciando uma brilhante alocução

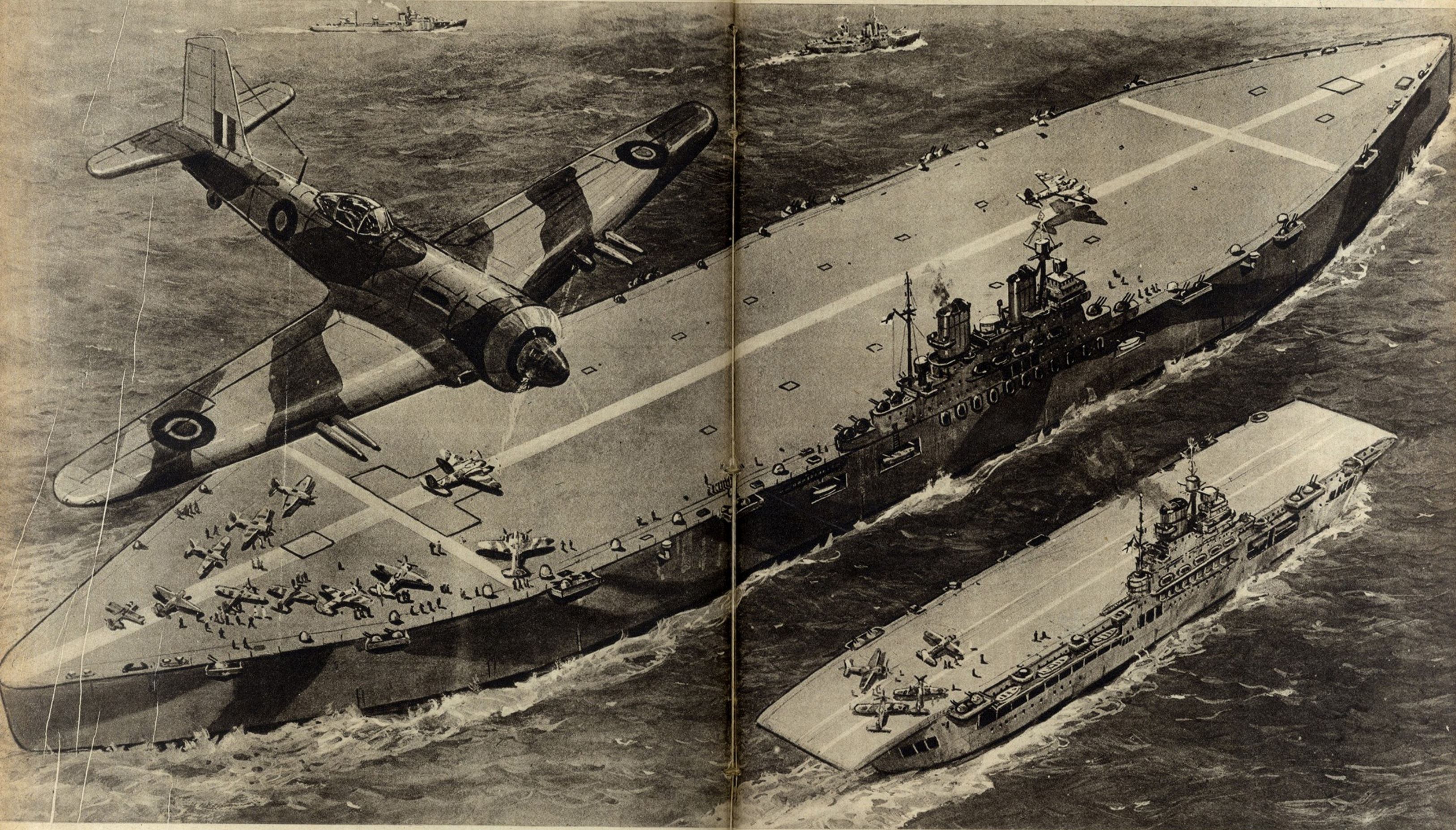
O que se lê neste quadro: «A Manufatura Nacional de Borracha, ao apresentar em público os primeiros pneus fabricados em Portugal, agradece ao Estado o auxílio que lhe prestou para esta realização e congratula-se com o povo português pelo significado deste empreendimento na economia nacional»



Fábrica do Louzado. Secção de vulcanização, expansores de vácuo e stockagem de pneus em verde



# UM GIGANTESCO PORTA-AVIÕES DE GELO COMPARADO COM O "INDEFATIGABLE"



## UMA ARMA SECRETA DE GUERRA CONTRA OS SUBMARINOS QUE NÃO CHEGOU A SER EMPREGADA

Ideias! Ideias! Ora aqui têm os leitores uma maravilhosa ideia que, por um triz, esteve para ser empregada na guerra contra os submarinos. Nem mais nem menos que porta-aviões de gelo, colossais, verdadeiras ilhas flutuantes, donde sairiam centenas de aviões, e que além disso, podiam ser empregados como bases de reabastecimento. O projecto destas naves monstruosas foi ideada pelo sr. Geof-

frey Pike e apresentado ao então primeiro ministro Churchill que, imediatamente, mandou estudar as suas possibilidades.

Seriam construídas de madeira e polpa de madeira, liga que se denominava *pykret*, e teriam seiscentos metros de comprimento, noventa de largo, e sessenta de altura. O peso estava calculado em dois milhões de toneladas. O convez teria um revestimento especial.

O navio disporia de motores eléctricos, que acionariam vinte e seis hélices, treze de cada lado, que trabalhariam, independentemente. A ideia, que só agora foi revelada pelo Almirantado britânico, era, em absoluto, exequível. Fizeram-se experiências com navios modelos, na Inglaterra, Estados Unidos e Canadá e, por último foi encomendado um porta-aviões definitivo, no segundo daqueles paizes.

Churchill ligou grande importância a esta arma secreta. O navio seria habitável e disporia de tantas comodidades como outro qualquer. O gelo misturado com a polpa não se derreteria. Tinha afinal, a mesma resistência do cimento armado.

Seja como for são possíveis. O tal *pykret* tem utilização no campo industrial.



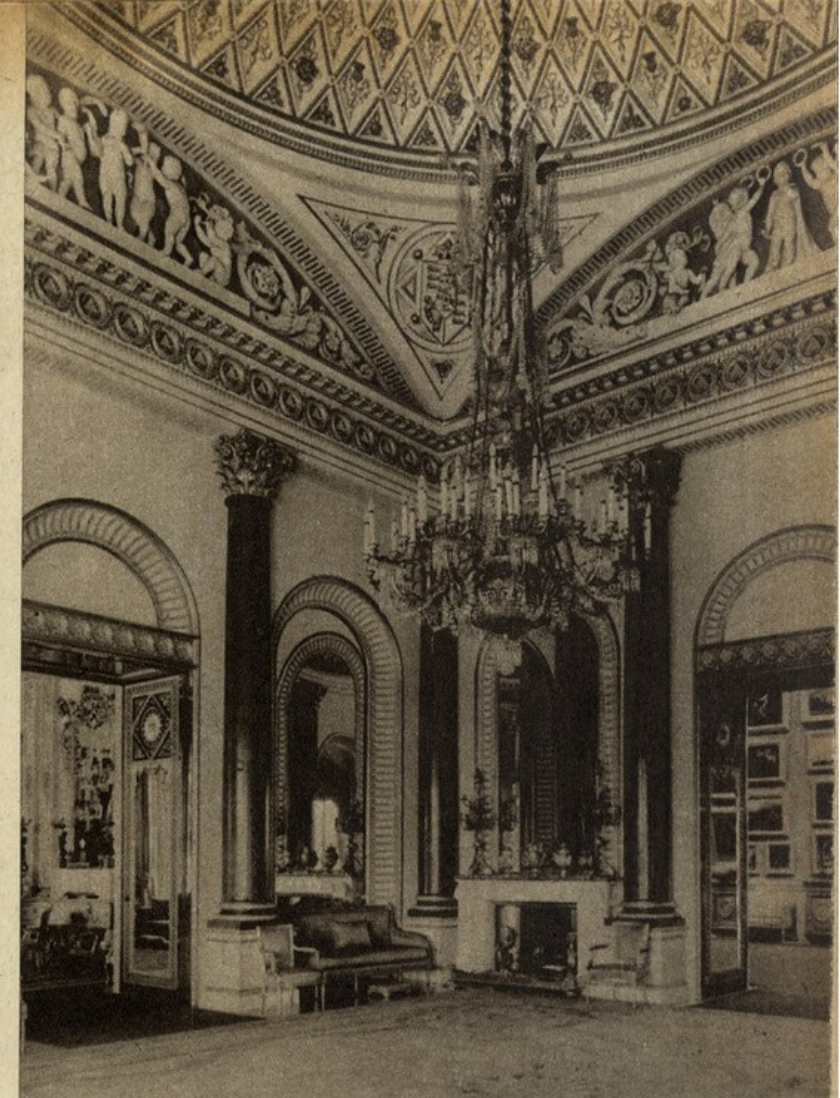
A sala Branca. Vale a pena notar o frizo esculpido, o tecto, o candelabro e o belo tapete



A sala Azul. A seguir a ela vê-se a sala de Música e ao fundo a sala Branca



A varanda Real, vista da sala central. E' nesta varanda que a Família Real aparece nos dias de importância ou de regozijo nacional



Um canto da sala de Música. À esquerda está a porta que dá para a sala Branca e, à direita, a entrada para a galeria de pintura



O palácio de Buckingham visto do lago do parque de St. James. O facto de estar içado o estandarte real significa que Suas Majestades estão em residência

# O PALÁCIO DE BUCKINGHAM

O Palácio de Buckingham, durante os últimos cem anos, tem-se tornado em alguma coisa mais do que uma residência real. Houve tempos, especialmente, em anos recentes, em que simbolizou as esperanças, as alegrias e as tristezas de toda a Comunidade das Nações Britânicas. Uma multidão compungida já se manteve diante dos seus portões, de cabeça descoberta e olhos ansiosos, enquanto se extinguiu, lentamente, a vida de um monarca querido. Em tempos de crise, a Família Real já assistiu do alto das suas varandas, a demonstrações de lealdade e de resolução. Quando se travaram guerras até um final vitorioso, foi o lugar de reunião de londrinos reconhecidos e jubilosos. Poderia dizer-se que, no fim da guerra europeia assim como no fim da guerra contra o Japão, o grande público só se capacitou de que a notícia era, realmente, verdadeira quando Suas Majestades apareceram na varanda do Palácio.

O Palácio de Buckingham é hoje conhecido em todo o mundo como a residência da Família Real Britânica — antepõe-se mesmo aos palácios de Windsor, Sandringham e Balmoral, as outras residências reais — mas nem sempre isto se deu.

O sítio onde se ergue hoje o Palácio começou a ser conhecido no tempo do Rei Jaime I. Foi ele quem concebeu e fomentou o plano de dar à Grã-Bretanha a sua própria indústria da seda. Para este fim, importaram-se bichos da seda juntamente com amoreiras destinadas à sua alimentação. Infelizmente, Jaime I não era botânico e comprou amoreiras de espécie errada, de onde resultou que a projectada indústria da seda desfaleceu e morreu e apenas tirou proveito do ne-

gocio o mercado de Covent Garden, que vendeu a fruta. Todavia, o Jardim das Amoreiras, como lhe chamavam, ficou célebre por outro motivo. Por ter falhado a indústria da seda passou a ser um passeio público e, nos tempos de Carlos II, era um ponto de reunião muito frequentado.

Segundo consta dos arquivos, a primeira casa a construir-se neste local, entre 1630 e 1640, foi mandada edificar por Lord Goring, mais tarde Conde de Norwich. Era conhecida pelo nome de «Goring House» e passou, em breve, a ser muito frequentada pela sociedade elegante. Mais tarde, foi durante algum tempo a residência de William Lenthall, o presidente do célebre Parlamento Longo.

No tempo de Carlos II, a casa foi adquirida por Henry Bennett, o Secretário do Rei que mais tarde veio a ser Conde de Arlington. Bennett era um amador e coleccionador de todas as artes e, durante o tempo em que nela residiu, Goring House tornou-se uma das moradas mais deslumbrantes do reino. Foi uma grande tragédia quando, em 21 de Agosto de 1674, a casa e todo o seu recheio foram inteiramente destruídos pelo fogo.

Das suas cinzas surgiu um novo edifício, a Arlington House. Sobreviveu até 1703 quando foi deitada abaixo para ser erigida no local «a mais linda moradia de Londres». Era ela Buckingham House, residência de John Sheffield, Conde de Mulgrave e mais tarde Duque de Buckingham. Em 1761 o terreno voltou às mãos da Coroa e, assim, pela primeira vez, a residência actual do Rei da Grã-Bretanha entrou na posse do seu antepassado directo e, de essa data até hoje, o chefe de família de Buckingham House tem sido o chefe

(Continua na página 26)



O palácio de Buckingham.

# A "CASA DAS CHAVES"



**A** umas 50 milhas a Oeste da costa da Inglaterra, está a ilha de Man. Apesar da sua área não exceder 277 milhas quadradas e a sua população ser um pouco inferior a 50.000 pessoas, esta ilha pequena tem conservado, com extraordinária persistência e amor da liberdade, um governo autónomo democrático e parlamentar que é uma das assembleias legislativas mais antigas do mundo.

Essa assembleia, o Tynwald, compõe-se de duas camaras: a «Casa das Chaves», que corresponde, nas suas funções, à Camara dos Comuns da Grã-Bretanha, e o Conselho Legislativo, que equivale à Camara dos Lordes. As chaves («Keys», nome derivado do escandinavo «Krise», que significa: escolhidos) têm 23 membros que são escolhidos pelos 30.000 eleitores. Os membros são eleitos por cinco anos e recebem, em troca dos seus serviços, 100 libras por ano. O Conselho Legislativo consiste do Governador da ilha Man, do Bispo, dos dois Juizes, do Procurador Geral da Coroa e de seis membros sem cargo oficial, quatro dos quais escolhidos pela «Casa das Chaves». As duas camaras reúnem periodicamente em conjunto formando o Tynwald, assembleia a que preside o Governador.

O Presidente (speaker) e outros altos dignitários deste parlamento usam cabeleiras e togas de corte antigo. O emblema da Ilha de Man «As três pernas de um Homem» (que significa que um homem da ilha de Man cal sempre de pé) alterna com a representação de um navio de Viking, o braço ainda mais antigo da ilha, nas altas janelas de vitrais da sala da Assembleia.

Enquanto os Negócios Estrangeiros, o Exército, a Marinha, a Real Força Aérea, os Correios, a cunhagem da moeda e a cobrança dos direitos alfandegários são administrados pela Grã-Bretanha, a ilha de Man, por intermédio do Tynwald, tem o direito de estabelecer as pautas aduaneiras e de fixar os impostos. Não há interferência nos gastos públicos conforme aprovação do Tynwald mas paga-se uma contribuição anual ao Governo Imperial, na importância de 10.000 libras.

A Ilha de Man tem sempre dado o justo valor às responsabilidades da sua independência parlamentar. Em 1938, o governo da ilha comprometeu-se a contribuir anualmente com a quantia de 100.000 libras para o rearmamento britânico e, durante a guerra de 1939-1945, a ilha fez dádivas na importância total de 1.250.000 libras ao Governo Imperial, emprestando quantia igual, isenta de juro.

As receitas públicas provenientes do imposto sobre o rendimento (que varia entre três e cinco xelins por libra) assim como dos direitos aduaneiros importam em um pouco mais de 1.000.000 de libras.

Em Julho de 1945, a Ilha de Man recebeu a honra de uma visita real, quando o Rei e a Rainha assistiram à abertura do Tynwald, no Monte Tynwald. E' deste monte que as leis que receberam a aprovação real se anunciam na língua Man e em inglês, de harmonia com a tradição.

A ilha viu-se recentemente libertada de uma tarefa de guerra incômoda mas necessária. Desde o principio de 1940 a 1945 a ilha de Man transformou-se em «Terra de Internados», o centro dos campos de internamento dos súditos inimigos. Agora, Douglas, Castletown, Peel, Ramsay e outras estancias da ilha, já podem, de novo, receber visitas vindas de fora.



Terminada a sessão da Casa das Chaves, o presidente sai da sala, seguido pelo capelão da mesma casa



A Assembleia do Tynwald reunida. Ao contrário do que sucede na Grã-Bretanha a constituição da ilha Man estabelece reuniões conjuntas de ambas as Camaras que governam o país, sob a presidência do Governador



O presidente da Casa das Chaves toca a campanha de chamada, ao som da qual os 24 membros entram na Sala da Assembleia, e ocupam os seus lugares. Os edifícios onde estão instaladas as Camaras Legislativas, a Casa das Chaves e a Grande Sala da Assembleia do Tynwald, assim como várias repartições públicas. Ergue-se no centro de Douglas, a capital da ilha

Enquanto está Tynwald em sessão encontra-se sempre presente um grupo de empregados consultores das entidades oficiais da ilha de Man. Usam umas cabeleiras e togas que são sinais do seu cargo



Senhoras assistem, no seu sector, na galeria dos estrangeiros, à sessão do Tynwald



Mrs. Christopher Shimmin é a primeira senhora a ocupar o lugar na Casa das Chaves. Foi eleita pela circunscrição de Peel, que era a de seu falecido marido





# VINHOS REGIONAIS PORTUGUESES



## VINHOS DA MADEIRA

Os vinhos da Madeira que constituem uma importante rubrica no rol dos nossos vinhos regionais, apreciadissimo tanto nos mercados nacionais como nos externos, tornaram-se um elemento indispensavel em todas as epocas festivas.

O «Sercial Velho», «Malvasia» e «S. João» são as três marcas apresentadas pela Casa Leacock, a mais antiga de toda a Ilha, de excelentes qualidades aliadas a uma cuidada apresentação.

## OS MOSCATEIS DE SETUBAL

Uma modelar orgâniz.ção vinícola — Uma das mais importantes regiões vinícolas do País é a dos Moscateis de Setubal, vinhos d. grande classe e sem similares onde quer que seja, e que mereceram do Estado a criação respectiva zona.

Uma das Firmas que desde o inicio levou as palmas nesta especialidade foi a casa José Maria da Fonseca, Succesores, Lda que, com feição comercial se iniciou em 1834, depois de José Maria da Fonseca, como seu pai José António da Fonseca, terem estudado e melhorado os tipos regionais e iniciado a sua exportação para os mercados estrangeiros, tornando assim conhecida em toda a parte o Moscatel de Setubal. Em 1855 o Rei D. Pedro V distinguio esta casa com a Torre Espada por ter alcançado as mais honras classificacões na Exposição de Paris desse ano.

Todos quantos têm gerido esta casa, como os seus colaboradores têm procurado melhorar capa vez mais os seus produtos para poderem apresentá-los, como agora o podem fazer, de forma a satisfazer os mais exigentes consumidores. A marca J. M. da Fonseca, Sucra. Lda serve à sua numerosa e es-

coleccionadas, vinhos licorosos e aperitivos vermouth «Sileno» e o famoso «Cherrybom».

## OS ESPUMANTES NATURAIS

Não há festa comemorativa de qualquer solenidade, tanto nos hotéis, restaurantes e bars, como nos próprios lares domésticos, em que não tenham o seu lugar de destaque os espumantes naturais que o Estado eloquentemente defende contra os demais de gasificação artificial. São muitas as marcas em exploração mas de entre elas uma há que tem merecido as preferências dos entendidos, a da Quinta de S. Miguel, importante propriedade viti-vinícola da privilegiada região da Meslhada que também produz, com igual éxito os seus conhecidos vinhos tintos e brancos que hoje estão espalhados por todo o País. A distribuição dos vinhos da Quinta de S. Miguel no Sul foi confiada à importante firma do Estoril J. Paulino d'Almeida, Lda.



## OS VINHOS DO PORTO

A longa história do vinho do Porto está ligada a Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro criada em 1766 pelo próprio Marquês de Pombal ao ini far as medidas de protecção a estes vinhos, no intuito de intensificar a sua produção que sendo nessa altura de 122 pipas, ascendeu em 1801 a mais de 260. Um documento curioso dessa época mostra que uma partida de vinho de 300 pipas destinada a navios da Armada Real Britânica foi vendida por libras 3-216,14.7.

Esta Companhia a que havia sido distribuido um importante papel no desenvolvimento do Vinho do Porto abonava aos respectivos lavradores largos empréimos, a módicos juros, afim de os habilitar aos gastos com a cultura, muito embora com uma rígida fiscalisação. Fundou a Academia de Náutica e Navegação que veio a transformar-se na actual Universidade, procedeu a importantes trabalhos de navegabilidade no Douro, desde a fronteira espanhola até a Foz, especialmente em S. Salvador da Pesqueira onde abriu caminhos por entre as montanhas que por ali abundam.

Fez construir, autorizada pelos governos, fragatas armadas que pudessem defender os carregamentos de vinho da pirataria que então infestava os mares do Norte e Baltico, instalou um posto de socorros a saúragos, à entrada da barra e fez abrir as primeiras estradas do Porto ao Pinhão e à Foz.

Desta bem orientada acção resultou um incontestavel prestígio não só para o Vinho do Porto como para esta Companhia, hoje conhecida cá dentro e lá fora, pela Companhia Velha, não sendo pois para admirar que disponha nos seus vastos armazens de Miragaia, Vila Nova de Gaia, Regos e Pinhão uma colecção de preciosos vinhos velhos, de inestimavel valor, com que mantem inalteráveis os seus créditos mas também nos vinhos de mesa, especialmente brancos, nos vinhos verdes, aguardentes e ainda ultimamente aos espumantes naturais, com exito igual completando-se assim esta org. niza.ção vinícola que o País inteiro justamente aprecia.



lhida clientela vinhos de mesa correntes e reservas cuidadosamente de vários tipos além do generoso, o incomparavel Moscatel de Setubal, e o quindão «Tropical», aguardentes vinicas e bagaceras naturalmente envelhecidas e o famoso «Cherrybom». Os escritórios desta Firma estão situados no Largo do Corpo Santo 62.



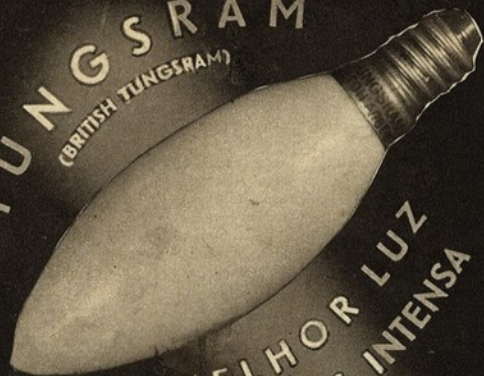
## No baralho dos Brandies Nacionais



O Brandy Constantino é o Az dos brandies...

# FEIXES DE LUZ

TUNGSRAM  
(BRITISH TUNGSRAM)



A MELHOR LUZ  
A LUZ MAIS INTENSA

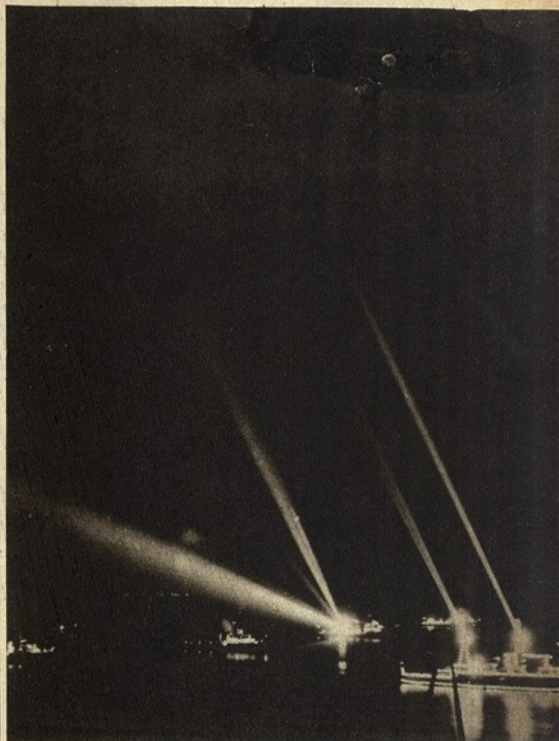


O Casino-Estoril que fechou brilhantemente o ano findo com a Velada de S. Silvestre obteve novo êxito na quadra de Carnaval.

O baile de terça-feira Gôrda teve relevo excepcional não só pela distinta e elegante assistência que ali afluíu, como também pela enorme concorrência que excedeu toda a expectativa.

Já está em preparação o programa para a próxima temporada de Verão que inclui um vasto e notável número de atracções.

O Galgo é já hoje um nome bem agradável à população de Lisboa que gosta de divertir-se pela noite fóra. Instalado no 1.º andar do n.º 7 do Largo do Regedor o seu mobiliário de carácter rústico mas de acentuado cunho artístico, a sua dinâmica orquestra tão adequada a estas diversões e ainda o seu impecável serviço de restaurante, funcionando dia e noite, tornaram-no o preferido de nacionais e estrangeiros que o frequentam, tendo sido últimamente animado com a colaboração artística de Villaret, Alfredo Costa e José d'Andrade o célebre acordeonista.



A Madeira prepara-se para reatar as suas velhas e fidalgas tradições na recepção dos turistas que em tempos normais ali acorrem de toda a parte.

A Delegação do Turismo local já na última noite de S. Silvestre voltou a proporcionar a deslumbrante apoteose de luz e fogo, espectáculo único em todo o mundo e que à Madeira atrai habitualmente tantos excursionistas nacionais e estrangeiros.

O turismo na Madeira vai em breve recommençar e estamos certos que dentro em pouco recuperará o seu antigo prestígio.



Hong-Kong, a grande cidade inglesa do Oriente, vizinha da nossa Macau, retomou a sua fisionomia habitual. Uma das ruas mais características, com a sua mescla humana, de asiaticismo e europeísmo

Hong-Kong, como Singapura, foi uma das cidades mártires do Oriente, logo depois do traçoeiro ataque nipónico a Pearl Harbour. Foi aí que os amarelos deram largas aos seus ferozes instintos, não poupando ninguém à sua demoníaca barbaridade. Hong-Kong sofreu os peores horrores — atrocidades monstruosas que os jornais de todo o mundo reportaram para que o mundo civilizado pudesse medir bem o significado da luta heróica para derrotar o militarismo japonês. Muitos dos seus habitantes, no último momento antes da catástrofe ainda conseguiram, na maior das aventuras, atravessar o mar infestado pelos piratas nipónicos e refugiarem-se na nossa colónia de Macau. Os que ficaram e sobreviveram à barbarie, contam agora, os mais hediondos crimes praticados pelo invasor amarelo.

Terminada a guerra, quando o japonês, implacavelmente derrotado em todas as frentes, curvou humildemente a cabeça e entregou a sua espada manchada de sangue de milhares de inocentes, Hong-Kong voltou à vida, e as suas ruas características já têm o mesmo colorido, o mesmo movimento, o mesmo mistério oriental dos dias tranquilos de antes da conflagração, de que ela sentiu os terríveis efeitos mais do que qualquer outra parcela de território do Extremo Oriente.

## «HONG-KONG» ESCALA EXÓTICA



Vendem-se, também, cães no meio da rua, mas não o famoso chow-chow, oriundo da China. São foxes e pêlos de arame

Gulodices para crianças. Tem um sabor especial, a hétéle, alcaçuz, e também de especiarias



Os chineses são muito industriosos e bons negociantes. Eis o que se pode classificar de bar ao ar livre



# PÁGINA FEMININA

## DE AURORA JARDIM

### O QUE SE USA

— Alguns casacos curtos parece que estão com escritos: chegam a ter três e quatro algibeiras de cada lado! E também vi bolsos nos quadris, nas bandas e nas mangas. Só faltam nos sapatos e no guarda-chuva...

— Muita roda, da cinta para baixo. — Cinturinha de vespa. — Selo à vontade. — Ombros largos.

Resumo: X.

A mulher é hoje, mais do que nunca: Madame X.

Todos os costureiros dizem o mesmo: as saias vão usar-se mais compridas.

Sim?

Não. Afinal nunca descem e algumas senhoras, francamente, parecem mesmo bailarinas... sem terem o físico da profissão.

Usou-se muito o avental até à beira da sala. Agora, é mais curtinho e, muitas vezes, dobra para dentro, não passando, então, de grande algibeira camuflada.

### CÓRES

A voga do gris e do amarelo ainda se mantêm, mas já outros tons estão sendo pincelados para o verão. E querem saber quais as cores preferidas?

Verde e Encarnado. O verde já não é agressivo. Há o vivo para as loiras, mas surgem outros: garrafa, musgo, mirto.

E o róxo que se combina com mogno e com gold. Worth junta-o com turquesa — e dá bem. Grès agarra no verde escuro e põe-o ao lado do bordêus.

Jacques Costet, mais ousado, faz a combinação de seis tons: gris-pérola, gris-rato, verde-claro, verde-mirto, vermelho e mostarda. Para que uma mulher assim vestida não lembre Picasso é preciso que posua, realmente, uma «planta» extraordinária!

Jacques Fath propõe misturas mais delicadas: um pastel do século XVIII em rosa, branco e azul.

Quanto a Bruyère apresenta as «cores mortas» do século XIX: pulga, grená, tília, café com leite terracota e terra de Siena.

### PORMENORES PARISIENSES

— Nomes de novos perfumes: *Air de Paris*, *Bao*, *Marlage d'Amour*, *Dieu du Jour*. O primeiro acompanha momentos desportivos; os outros são mais íntimos.



**USE SEMPRE**  
**Spa** (Regd.)  
**ESCOVAS DE DENTES**

“Spa” a nova escôva de dentes com pelos de “nylon” representa um grande adiantamento na hygiene dental. “Spa” limpa melhor os dentes, dura mais e é muito higienica. Uma simples enxaguadela e a “Spa” fica tão limpa e elástica como quando foi comprada. Dureza média e rija. A venda em toda a parte.

Fabricadas por  
**JOHN FREEMAN & CO. LTD.**,  
SPA Brush Works, Chesham, Bucks., England

**para a hygiene dental!**

### MEIAS AMERICANAS

(NYLON DUPON)

—  
**51 GAUGE**

A AUTENTICA  
MEIA DE VIDRO

—  
RECEBEMOS DIRECTAMENTE EM TODOS OS TAMANHOS

—  
**MEIA DE VIDRO**

RUA AUGUSTA, 158

Um chapéu de Primavera, em palha finíssima, branco e preto



Dois elegantes saia-e-casaco, para passeio ou para desporto

Deposítários:

J. Pires Tavares Sucrs. J. da Silva Pires, Ld.<sup>a</sup>

L I S B O A

# FOTO-CRIME

## QUEM ROUBOU?

O palácio de Buckingham  
(Continuação da página 19)

do Império Britânico. Mais uma vez o edifício recebeu um nome novo. Em 1775, Buckingham House foi legalmente doado à Rainha Charlotte por lei aprovada no Parlamento e passou então a chamar-se «Queen's House» (a casa da Rainha).

A residência real estava destinada a dias infelizes. Em 1825 o Rei Jorge IV resolveu mandar construir um palácio novo e a Casa da Rainha foi delatada abaixo. Ele morreu enquanto o palácio estava a ser construído e o último teijolo foi assente no reinado de Guilherme IV. Este porém, detestava o palácio e nunca viveu nele. Durante anos o edifício ali esteve vazio, uma coisa cara e inútil a que deram, nesse tempo o nome de Palácio de «Pimlico».

Este local célebre voltou a recuperar a sua importância quando a jovem Rainha Vitória resolveu fazer dele a sua residência. Fizeram-se grandes alterações e foi a Rainha quem deu à sua nova moradia o nome de «Palácio de Buckingham». Em resultado dessas alterações a entrada primitiva do palácio, o conhecido «Marble Arch» (Arco de Mármore) foi transferida para o ponto de Londres onde se erguia outrora a força de Tyburn.

A Casa da Rainha deu o exemplo e estabeleceu a regra não só para a vida familiar britânica mas também para a vida social da nação de que serviu de fulcro. Havia um fasto contínuo de cerimônias públicas e a jovem Rainha elevou a novo nível a hospitalidade real. Quando Eduardo VII subiu ao trono estabeleceu o costume de efectuar no Palácio todas as recepções da Corte e foi ele o primeiro rei britânico a morrer dentro dos seus muros.

Apesar dos bombardeamentos de Londres durante a guerra o Palácio de Buckingham ainda está de pé. Recebeu prejuízos, tanto das bombas como do sopro de explosões, mas os danos não resultaram muito sérios e foram rapidamente reparados. É a residência da Família Real Britânica e, como tal, atrairá irresistivelmente todo aquele que visitar Londres.

### Uma de Churchill

Quando da última visita de Winston Churchill a Washington, um amigo mostrou-lhe um número da revista *Life* onde fora publicada a fotografia do seu neto.

— Interessante — comentou o amigo.

— Concordo — respondeu Churchill.

— E o mais estranho é que se parece consigo — retorquiu o amigo.

— Nada acho de estranho nisso — replicou Churchill — pois todos os bebês se parecem comigo.

N. Y' Post



**L**ESLEY BOOTH entrou na capelista para comprar um maço de cigarros. Não encontrando ninguém, olhou em redor. Notou um leve cheiro a clorofórmio. Intrigada, percorreu o estabelecimento, encontrando, momentos depois, a empregada que estava estendida no chão, por trás do balcão. Fechou a porta à chave e telefonou para a Polícia. — Nada de importância — declarava pouco depois o médico ao inspector Cobbe. — Está adormecida pelo clorofórmio...

O inspector, enquanto a vítima voltava a si, apanhou no chão algumas moedas de cobre e um frasco azul em cujo rótulo se destacava, a vermelho, a palavra *Veneno*. Dez minutos depois, Sally voltava a si e ajudada pelo inspector sentou-se numa cadeira.

Oferecendo um cigarro, o inspector pediu-lhe que fizesse o relato dos acontecimentos.



— **P**OUCO lhe posso dizer — respondeu Sally. — Entrou na loja um desconhecido que me pediu uma onça de tabaco, de uma mistura especial que temos. Depois de receber o troco, pediu-me para lhe mostrar uma das lanternas de algibeira que estão na montra. Sai do balcão e, nessa altura, apanhando-me de costas, aplicou qualquer coisa mole no meu nariz. E'

tudo o que posso lembrar. Depois de ouvida Sally, o dono da casa declarou ao inspector Cobbe: — Foram-se mais de oitenta libras e o pior é que não tinha a casa no seguro.

— Não se sale — respondeu o inspector com um sorriso enigmático. Posso jurar que a sua empregada é a culpada.

### PORQUÊ?

(Ver a solução na página 30)

## «Odes»

de Miguel Torga

DE uns tempos a esta parte andam por aí a arrastar-se umas tantas sentenças poéticas que mais parecem questões de b. tica de que juízos sérios acerca de coisas de arte.

Parece-nos que o tema das predições contém mais ou menos o desígnio de explicar o que sejam poesia moderna e poesia antiga.

Claro que os sentenciadores ainda não se têm feito compreender. Agarrados a rótulos artísticos, consideram poesia moderna a quella que é escrita por versadores actuais e da poesia antiga a que vários poetas já em outras épocas hajam escrito. Aqui o moderno e antigo reflectem somente feição cronológica. Daí a simpleza do corolário: a escrita há anos é, inevitavelmente, venha, não se use, passou de moda, nada traduz. Contrariamente, a que é fresquinha de tintas do prelo é moderna, é digna de elogios, encerra em sua essência qualquer coisa de inexplícitamente profunda — tão misteriosa e profunda que nem os seus fazedores nem os próprios críticos, por mais que se esforcem são capazes de descobrir. Como, porém, nada mais há a deduzir da doutrina divulgada ficam apenas dois conceitos opostos e errados acerca de uma e de outra poesia.

Esquecem-se, no entanto, os ponderados criticantes, que a poesia, desde que o seja, de facto, não tem idade. Já nos tem acontecido ler poesia antiga que parece moderna e soletramos poesia moderníssima que cheira a bafo do tempo.

Ora, se nos é permitido, diremos que qualquer manifestação superior de arte, especialmente poesia, não pode ser incluída na estreiteza de uma época: quando contem em si o germe da eternidade é de sempre.

Não cremos que as *Georgics* de Vergílio sejam menos poéticas ou menos actuais do que as produções de recentes bardos. A estes apenas se pode exigir o espírito criador que fez vibrar o génio poético que existiu dois milénios antes dos actuais versadores.

Vem talvez este simples cimento a propósito de um livro que temos na nossa frente. Chama-se ele, simplesmente, «Odes» e é seu autor Miguel Torga.

Depois de havermos lido este livro simples e profundo abrimo-lo mais uma vez ao acaso e deparou-se-nos esta estância:

*Também eu quero abrir-te e semear  
um grão de poesia no teu solo!  
Anda tudo a lavar,  
tudo a enterrar canteio,  
e são horas de eu pôr a germinar  
a semente dos versos que frangeio.*

A transcrição destes versos, parece-nos, destroem os errados conceitos que é de costume atribuir à poesia chamando-lhe moderna ou antiga. Pois, tão bela pode ser a dos nossos dias como a de há séculos. Uma coisa porém é indispensável: ser Poeta. A certidão de idade não tem influencia nas criações de arte. Há génios aos vinte anos, e imbecis na idade da razão. Miguel Torga não tem idade. E' de todos os tempos, porque é Poeta.

## Um livro sobre Camilo

de Oldemiro Cesar

Sabemos que o jornalista Oldemiro César, um dos mais profundos comentaristas da obra de Camilo, tem no prelo mais um volume em que estuda a figura do romancista.

Nesta obra, Oldemiro César reuniu valiosos elementos bio-biográficos, e traça sobre eles a figura gigantesca do desventurado génio dramático que foi Camilo.

# ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

## Conferências sobre Teatro

O teatro é uma das mais vivas expressões de arte. Foi através das primitivas manifestações teatrais que os povos tomaram contacto com o espírito criador dos comediantes e comediantes. Por diversas e incompreensíveis razões a grandeza do Teatro, entre nós, parece ter decaído num confrangedor abandono.

Excluindo a larachista e grosseira revista, muito do agradável que a quem a explora, a arte dramática estacionou regressivamente.

Certo, alguns escritores ainda tentam erguê-la à altura que merece. Mas o facto não constitui generalidade.

Foi nos povos mais cultos que surgiram as primeiras obras de Teatro. Daí se pode concluir que a evolução intelectual dos povos se pode avaliar pelas manifestações desse género de literatura. E' também verdade que, de quando em quando, surge um louvável desejo de ressurgimento.

O jornal «O Século» presta ao Teatro e a todas as pessoas que por essa arte se interessam, um assinalável serviço: um grupo de intelectuais — nomes notáveis nas letras e no pensamento — começou no salão daquela matutino uma série de conferências acerca do Teatro.

Felizmente nem tudo é indiferença e desinteresse pelas eternas expressões da arte.

A «O Século» cabe pois, sem sombra de favor, aplausos sinceros pela sua bela iniciativa.

## O INDIVÍDUO E OS SEUS DIZERES

TODOS os homens têm a sua tragédia. E esta tanto pode caber num desejo inatingido como ser dissimulada numa felicidade que não chega.

A maneira de dizer isto parecerá, porventura, pretensiosa. Nós, porém, que não somos dados a tentações imaginíficas de palavras, só encontramos neste momento este modo expressional.

Por culpa própria? Não.

Pela dificuldade que, às vezes, há em chamar as coisas pelo seu verdadeiro nome.

Vem de remotos tempos a ilusão de tudo disfarçar. Quer se trate de arte, da palavra, do pensamento, de ideias. Até o mal próprio se disfarça rindo do mal alheio.

O homem não tem feito outra coisa, quando pretende exprimir uma verdade que supõe indestruível, de que se serviu do artifício da arte. Até sucede em tantos casos a arte de dizer não passar de um artifício. Foi por isso que se inventaram a dialética, o estilo, as expressões pomposas e as especiosas sentenças filosóficas.

E ainda bem que assim foi, é, e, possivelmente, continuará a ser.

No dia em que o indivíduo possa traduzir sob qualquer expressão artística uma parte sequer do que pensa, sente, deseja e ambiciona, a humanidade ficará gravemente comprometida. Quem sabe mesmo se não se verá obrigada a mudar de nome adoptando um prefixo contraditório!

O que não cabe numa hora simples e humana pode caber em anos e anos de intima amargura.

Ora, diziamos nós, mais ou menos, ao princípio destas linhas, que todo o homem guarda dentro de si uma tragédia. Afirmado isso, não poetizamos sentimentos, não exageramos, nem tampouco vimos dar ao leitor novidade de espantar. Creemos até que antes de nós variadíssimas pessoas o terão... por estas ou outras palavras.

1. se quem nos lê se der ao cuidado de criticar aquilo que lê e que os outros escrevem, deve pensar de si para consigo: ora a novidade! Dizer o que se pensa é fácil. O que deve ser mais difícil é revelar aquilo que não se pode dizer.

E, dando-se ares de pessoa importante, suporá que, além do mal que não sabe exprimir, tem o segredo de qualquer fórmula fácil de panaceica ventura.

## «Um filho mais e outras histórias» de Manuela Porto

EM edições Inquérito, publicou o Sr.ª D. Manuela Porto, um livro de contos, em que a autora se revela uma admirável artista e uma invulgar escritora.

O conto entre nós não tem assim grande número de cultores. Parecendo simples, essa expressão literária é das mais difíceis. Daí, supomos, rezassem na nossa literatura contistas que, com efeito, mereçam essa designação.

A Sr.ª D. Manuela Porto, pode, sem favor, ser incluída entre os escritores que entre nós compreendem a difícil arte de contar...

Em «Um filho mais», e outras histórias», a autora demonstra-nos o seu enorme talento de contista.

A difícil maneira de ser simples em literatura, ao contrário de que muita gente pensa, é uma das maiores virtudes de quem escreve.

A Sr.ª D. Manuela Porto, pode, sem favor, contar-se no número das poucas escritoras que compreendem a missão da literatura. Este seu livro ficará como documento do seu claro espírito de escritora.

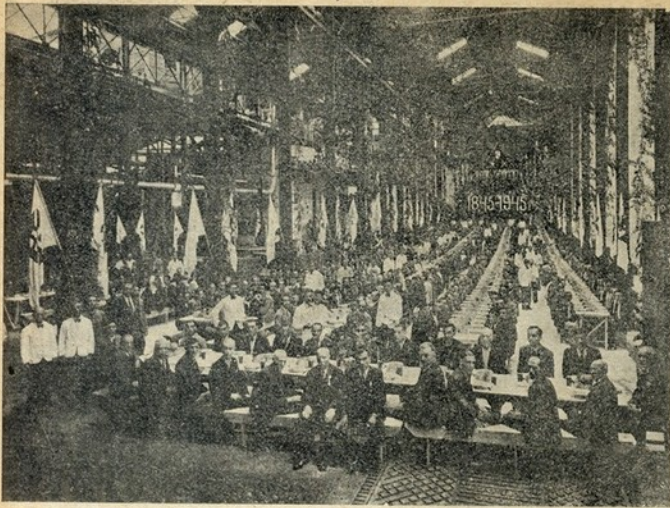
Há na transparência da sua forma uma suavidade que enleva. É bom, porém, não estabelecer confronto entre simpleza e banalidade.

Tal juízo seria injusto, e quem o formulasse incorreria no êrro grosseiro de ser mal julgador.



Um recanto do Hyde-Park, na Primavera

# NA ILHA DA MADEIRA



Fábrica do Torreão, de W.<sup>m</sup> Hinton & Sons, no Funchal. — Banquete aos seus operários para comemorar o primeiro centenário daquele estabelecimento fabril que se completou em 1945

## A cultura da cana sacarina na Madeira

A vida agrícola da Madeira tem tido o seu máximo expoente na cultura da cana de açúcar ali iniciada e mantida há mais de cinco séculos, logo após a sua descoberta e que, através essa larga temporada, se desenvolveu e prosperou graças à valiosa colaboração da lavoura e à justa compensação encontrada pela Indústria e de forma tal que essa actividade tem conseguido transpor as enormes dificuldades provocadas por graves crises, algumas das quais de carácter internacional.

O esforço colonizador dos portugueses, impulsionados pelo grande Infante D. Henrique, tornou possível à Madeira, por alturas de 1425, tentar o plantio da cana de açúcar, mandada vir a cana, ao que se afirma, da Sicília por determinação do próprio Príncipe. Assim foi que nos fins do século XV se obteve uma produção de 120.000 arrobas que nos meados do século seguinte atingiu 300 000.

Refere o rev. padre Fernando Augusto da Silva, erudito investigador da História Madeirense, que não tardou que este açúcar se tornasse conhecido nos principais mercados da Europa tendo alcançado os mais elevados preços batendo todos os seus concorrentes.

## Uma Embaixada original

Foi nesta altura que o Capitão Donatário do Funchal, Simão Gonçalves da Câmara, muito conhecido pelas suas prodigalidades, enviou ao Papa Leão X uma original embaixada constituída pelo Sacro Colégio em que figuravam os Cardiais, de tamanho natural, feitos de açúcar.

A este aureo período sucedeu uma época de decadência, no final do século XVI, quando os açúcares de S. Tomé, Canárias, Cabo Verde e, mais tarde o de Antilhas, invadiram os mercados com tais preços que tornaram impossível a concorrência. Em 1854, com a devastação dos vinhedos pelo mildium tomou essa cultura novo incremento, animada por várias medidas legislativas de protecção à respectiva indústria. De então para cá tem vindo sempre prosperando até que, entre 1884 e 1890 uma terrível moléstia atacou os canaviais e só depois de introduzidas novas castas vindas da Maurícia e de outras procedências, se pôde reatar o ritmo da sua passada grandesa.

Entretanto nos últimos anos voltou-se a registar uma certa redução na produção o que tem forçado a Madeira a importar açúcar colonial para satisfação das necessidades do consumo. O problema está merecendo as atenções do Governo que já ordenou as medidas necessárias para que a Ilha não deixe de produzir a cana suficiente para o abastecimento de açúcar e álcool do mercado local.

## A Casa Blandy

A Casa Blandy Brothers, do Funchal, é hoje a legítima representante da Firma com a mesma denominação fundada em 1811 por John Blandy e quanto de origem britânica foi organizada, mantida e se expandiu em terra portuguesa.

Pelo progressivo desenvolvimento das suas várias actividades tem constituído sempre um dos mais fortes esteios da vida económica madeirense pois que, fundada há 135 anos como exportadora de vinhos, a breve trecho abordava outras modalidades impulsionando o mercado de cervão, instalando grandes estabelecimentos fabris, criando serviços de interesse público como o do abastecimento de água e o dos vapores costeiros, devendo-se-lhe ainda a parte activa que tem desempenhado — e esta importantíssima — para atrair à Madeira a navegação trasatlântica que tem trazido, em épocas normais, a esta Ilha, muitos navios nacionais e estrangeiros das mais categorizadas empresas por isso que, aproveitando-se da circunstância de representar esses Organismos tem desempenhado junto deles uma habil propaganda das incomparáveis



HARRY HINTON o octogenário industrial, nascido na Madeira e que aqui constituiu família, com largo prestígio em Portugal e na Inglaterra e que tem tido várias oportunidades de prestar relevantes serviços ao nosso País

Empresas inglesas, muitas delas já centenárias, muitas outras com elas colaborando estreitamente, muito têm contribuído para o desenvolvimento económico da Madeira, sendo várias as Firmas que aqui se têm dedicado à agricultura que na cana sacarina tem tido o seu maior expoente e nos vinhos uma das suas maiores riquezas, na indústria que bastante tem progredido sobretudo no fabrico do açúcar e do álcool e sobretudo no turismo que é sem dúvida a base principal que sempre tem impulsionado todas as demais actividades e que em tempos normais trazia ao funchal excursionistas de todas as partes do mundo proporcionando um intenso movimento no porto, uma interessante animação na cidade, fomentava o comércio local onde adquiriria os objectos tradicionais, como os bordados, os vinhos e os curiosos objectos de vime com tantas e variadas aplicações.



PERCY GRAHAM BLANDY, como seu irmão John Reeder Blandy, o continuador da obra iniciada em 1811 por seu bisavô, fundador da casa, devendo salientar-se a recente formação do novo ramo da Firma em Santa Cruz de Tenerife

belezas naturais da Ilha que tem no turismo uma das suas maiores fontes de riqueza.

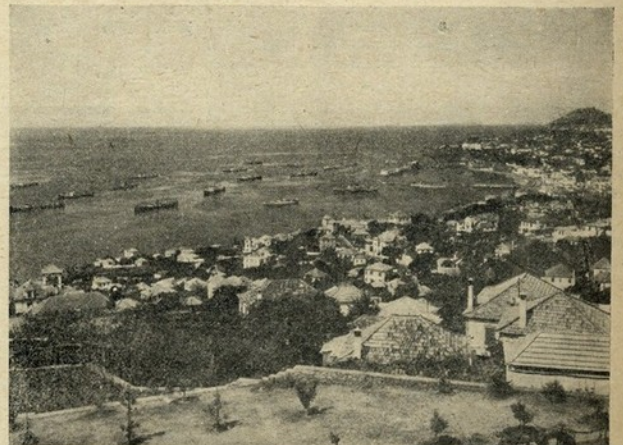
Os negócios referentes ao porto, tais como o fornecimento do carvão e da água constituem o fulcro principal das suas actividades e como ramo secundário, embora de não menor importância, possui ainda um serviço costeiro de cabotagem que presta relevantes serviços aos vários concelhos da Ilha.

A Casa Blandy que sempre se conservou ligada à preparação e exportação dos vinhos que o seu fundador iniciara em 1801 encontra-se hoje incorporada na Madeira Wine Association, um dos mais importantes organismos vinícolas do país, cuja sede está instalada no próprio edifício da Firma, à rua de S. Francisco, no Funchal.

No comércio bancário de relevo representando hoje o Blandy's Banka várias colectividades de crédito tais como o Banco Lisboa e Açores, Banco Burnay e Banco Aliança.

Contribuiu também para a fundação e desenvolvimento do Arsenal de S. Tiago que proporciona à navegação a possibilidade de quaisquer reparações dos seus barcos, tem dado grande incremento à indústria da moagem e panificação da Madeira à qual está ligada através da Companhia Insular de Moínhos, associando-se à Island Fruit Company, que planta, prepara, vende e exporta os deliciosos frutos insulares dedicando-se por último, à indústria da exploração da cal e ao aproveitamento de águas potáveis com manifesto benefício para a população.

Em 1901 quando da visita oficial de Suas Magestades El Rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia a Quinta do Palheiro propriedade da Família Blandy cujo chefe actual, Mr. Percy Graham Blandy continua mantendo o prestígio da casa, tendo seu irmão mais novo, Mr. John Blandy prestado grandes serviços nesta guerra, alistado nas forças armadas da Grã-Bretanha na Índia,



Um aspecto do porto do Funchal, em tempos de paz, e em que todos os navios que se vêm fundeados na Baía estavam consignados à Casa Blandy



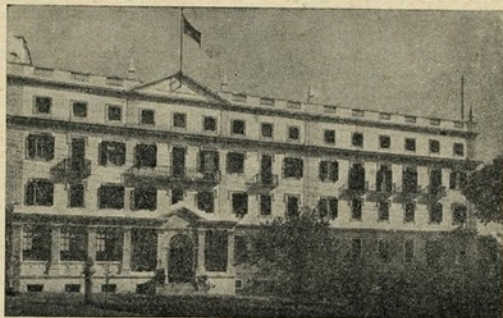
Guilherme Cardim

## O Monte Estoril Hotel

Já nos fins de Outubro último, ao referir-nos a este Hotel, lhe vaticinámos as maiores prosperidades de que os seus principais usufruidores são os próprios clientes. De então para cá os trabalhos de remodelação não abrandaram, antes proseguiram em ritmo acelerado pois que os seus proprietários pretendem atingir, a perfeição transformando por completo o antigo Hotel Itália.

De conforto e comodidade inexcusáveis, a sua entrada ajardinada, um vasto vestíbulo e grandes salões, o de visitas, de leitura e outros, os largos terraços sobre o mar, o Bar e a Sala de jantar a que há que juntar um impecável serviço de mesa e de quartos todos admiravelmente instalados, tanto os simples como os compartimentos, o Monte Estoril, apesar das suas ampliações vai-se tornando pequeno para albergar os visitantes dos fins de semana, os hóspedes das épocas festivas e ainda os veraneantes que ainda na última época lhe deram desusada animação.

O Monte Estoril Hotel constituiu mais um assinalado triunfo para o seu principal impulsionador, Guilherme Cardim que bem pode orgulhar-se de mais esta obra sua.



A nova fachada do Hotel

## VISÃO

(Conclusão da pág. 4)

A porta abriu-se e Carlos entrou. O. h. u. n. c. s. e tornou-se lívido. Mordeu os lábios. A sua p. l. e. r. a. e. r. a. t. r. a. n. s. p. a. r. e. n. t. e. A. v. a. n. ç. a. o. p. a. r. a. n. ó. s. P. r. e. v. i. t. u. d. o!

Agitou, todo t. ê. n. u. l. o, o braço de João e exclamou: Como te atreves!...

Coleguei-me entre ambos, agarrei na mão de Carlos com muita ternura, enquanto voltava o rosto para o João e lhe sorria.

Que se passava no pensamento de ambas?

.....  
Carlos não voltou à Escola. Eu e João adorávamo-nos. Eramos felizes? Eu não!...

Passados dias recebi uma carta de Carlos. «Morro!» dizia. «Quero ver-te pela última vez!»

Corri a sua casa, debrucei-me sobre o leito. Ele agonizava.

— Lena!... — murmurou muito baixinho — aperta nas tuas as minhas mãos como noutro dia. Que louco fui em duvidar do teu amor! Jura que me amas e não me esquecerás!

Tomai-lhe a cabeça entre as mãos e disse automaticamente:

— Amo-te!... Não te esquecerei!...

Sorriu-me e expirou.



CAMPOS COELHO

O ilustre professor e pianista Campos Coelho, que interpretou, maravilhosamente, o poema sinfónico «Coimbra», do dr. Ivo Cruz, executado pela Orquestra Filarmónica de Lisboa

SEJA PRÁTICO E ECONÓMICO

## viaje na C. P.

Informações: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031 — no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 732

# CASA LEACOCK

(1760)

LISBOA

LEACOCK, I.D.A.  
(Lisboa)

Av. 24 de Julho, 16

DELEGAÇÕES

PORTO

Rua José Falcão, 181

COIMBRA

Av. Sá da Bandeira, 7

BRAGA

Avenida Central, 68

ÉVORA

Avenida António Augusto  
de Aguiar, 33

FARO

R. de Santo António, 49-51

S. JOÃO  
DA MADEIRA

Rua do Visconde  
de S. João da Madeira



## FUNCHAL — MADEIRA

LONDRES

LEACOCK & C.<sup>o</sup>  
LTD.

3 - Soho Square

NEW-YORK

LEACOCK & C.<sup>o</sup>  
INC.

250 - Fifth Avenue

TORONTO

LEACOCK & C.<sup>o</sup>  
LTD.

55 - Wellington Street W

AÇORES

LEACOCK I.D.A.  
(Lisboa)

Rua Açoreano Oriental, 40  
PONTA DELGADA

MANUFACTURERS — IMPORTERS — EXPORTERS — AGENTS



HELIOGRAVURA DE ARTE \* BILHETES POSTAIS  
FOLHETOS DE PROPAGANDA TURÍSTICA E COMERCIAL  
JORNALIS \* CATÁLOGOS \* ESTAMPAS DE ARTE  
REVISTAS E CARTAZES

# NEO GRAVURA LIMITADA

AGÊNCIA GERAL:  
RUA NOVA DO ALMADA, 53, 2.º — TELEFONE 2 4206

OFICINAS:  
TRAV. DA OLIVEIRA À ESTRELA, 6 — TEL. 6 4426 — LISBOA

## Uma Exposição

(Continuação da página 14)

bem como no modelo feminino de requintada espiritualidade. Lauro Corado destaca-se na *Rua de Aveiro*, retrato e composição geral. Maria de Lourdes de Melo e Castro reflete de talento. A sua paisagem, quente de sol, é uma pequena obra prima. Veja-se como ela pinta flores! Não as reproduz; interpreta-as. Dá-lhes como que uma alma de perfume. O mesmo dizemos de

Alda Machado Santos. Jaime Murteira afirma-se cada vez melhor um paisagista de ar livre. Fortunato Anjos tem no *Estábulo* a sua melhor obra. Está um verdadeiro artista. Domingos Rebelo, muito bem. Outros ainda, e, na escultura, Raul Xavier, Delfim Maia, Anjos Teixeira, (filho), Farinha, etc. mantêm com dignidade, os foros privilegiados da nossa escultura.

COMPLETO  
SORTIDO DE  
MERCEARIA FINA,  
CONFEITARIA

## Vilarinho & Ricardo Limitada

230-R. da Prata 232-LISBOA  
Telefones 2 1711 e 2 0635

Agentes depositários e distribuidores do CHÁ CELESTE e das afamadas conservas LA ROSE de Feu Hermanos, de Portimão, e do Vinho do Porto RAINHA SANTA

## A SOLUÇÃO DE FOTO-CRIME

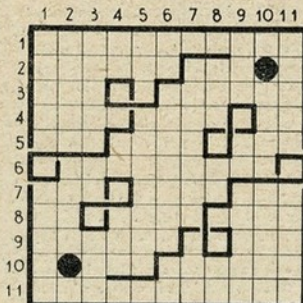
DE acordo com as declarações de Sally, o suposto ladrão comprara uma onça da mistura especial da casa. Normalmente estas misturas são guardadas em botões especiais (fig. 1) e vendidas a peso.

Ora o desconhecido comprara uma onça, como ela dissera, mas o inspector reparara o que estava no preto da balança era de quatro onças. Havia pois divergências nas declarações. O inspector chamou a atenção de Sally para o facto, o que a levou a sair contraditória. Pouco depois, Sally, achando-se já bastante comprometida, confessava que, encontrando-se na impossibilidade de pagar uma letra que vencia no dia seguinte recorrera àquele processo não contando com o pequeno pormenor que completamente desfiz os seus planos.

SEJA PRÁTICO  
E ECONÓMICO

viãje na C.P.

## PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 131

### HORIZONTAIS

- 1 — Transformação.
- 2 — Planta crucifera herbácea, usada em salada; Variedade de carbonato de cálcio.
- 3 — Arterial; Indivíduo apaixonado por qualquer ideia ou sistema.
- 4 — Recelo; Guarda segredo; pronome pessoal.
- 5 — Pronome pessoal; Um dos 20 Estados do Brasil; Nome de letra.
- 6 — Que abre o apetite.
- 7 — Parente; Triturar com os dentes; Em ss.
- 8 — Prefixo que designa duplicação; Fardo; Grande vontade.
- 9 — Suplicar; Mésos.
- 10 — Agora; Rio que banha Oxford, atravessa Londres e desagua no mar do Norte.
- 11 — Legalizaram.

### VERTICAIS

- 1 — Deus da guerra (Mitol.); Mês, que representa a idade da Inocência.

- 2 — Território da Guiné, povoado por negros da raça Pele; Despacho.
- 3 — Urde; Rio da Itália; Um dos gigantes inimigos de Israel (Bíblia).
- 4 — Gemido; Medida inglesa que corresponde a 12 polegadas; Darceiro.
- 5 — Mulher que teve um filho; Cidade italiana, célebre pelos seus mármore brancos.
- 6 — O dormir dos pequeninos; Nome popular do naturess do Rio de Janeiro; Pron. pessal.
- 7 — Ninfa amada pelo gigante Polifemo, que preferiu o jovem pastor Açis (Mitol.); Tanto.
- 8 — Cólera; Caminhar; Noiva.
- 9 — Arsénico (ant.); Quinze (rom.); Ponto diametralmente oposto oposto ao zénite.
- 10 — Soletre; Que tem muitos anos.
- 11 — Aldeia perto de Jerusalem, onde Cristo apareceu aos seus discípulos depois da ressurreição (Bíblia); Curam.



Solução do problema 130

## DISCUSSÃO LIVRE

É nas «Pubs», mais do que em qualquer outra parte, que se forma a opinião pública da Grã-Bretanha. O «élan» duma turma de futebol ou as vantagens de certo tipo de automóvel tornam-se assunto de discussão temperada mas, ao mesmo tempo, acesa, enquanto se bebe um copo de cerveja ou um whisky com soda. Lá têm lugar conversações amenas a respeito do que aconteceu na última reunião do Governo, e lá se criticam também os deputados. Nas «Pubs» é assunto de todas as conversas,

tanto o cavalo favorito paea a «Derby» como o último grande discurso do Sr. Bevin no Parlamento. Deante do balcão, nos pequenos grupos formados pelos frequentadores, a nação, como um todo, dá largas ás suas opiniões, mantém o espírito alerta e aprende. Nesses dias terribes do verão de 1940, os alemães podiam estar a ganhar batalhas na Bélgica e na França, mas estavam a perdê-las nas «Pubs» da Grã-Bretanha.

Europeen Correspondents

## Cuidai dos vossos filhos

O estomago da criança exige uma alimentação ligeira e digestiva; de igual forma a pele fresca e sensível require um creme muito macio. As mãs cuidadosas do bem estar dos seus filhos devem empregar o CREME NIVEA para purificar e fortificar a pele, que pode assim desempenhar todas as suas funções. A criança suportará melhor a humidade e as mudanças de temperatura



PREÇO:  
Desde 6\$00



Deposito: Pestana, Branco & Fernandes, Lda  
Rua dos Sapateiros, 29-1 - Lisboa



Há 100 anos  
**GRAHAM'S PORT**

Hoje  
**GRAHAM'S PORT**  
ainda o preferido

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

**G. me GRAHAM Jnr. & C.<sup>a</sup>**

R. dos Clérigos, 6 / PORTO



LISBOA / R. dos Fanqueiros, 7



**MUNDO  
GRÁFICO**

**A VITÓRIA DO TRABALHO  
AMERICANO**